

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR  
FACULDADE DE ARTE E LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS

Influência do calão cigano nas línguas portuguesa e castelhana  
em contextos de comunicação de massa

Por Géraldine Chantal Moureau

Dissertação de Mestrado em Estudos Ibéricos  
Sob a orientação da Professora Doutora Cristina da Costa Vieira

Covilhã, 2010

*Ciganos de mal-andar  
Quem te dá acolhimento?  
Procuras Pátria e um lar,  
Filho da estrada e do vento.<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> Tema a glosar nos *I Jogos Florais Ciganos* luso-espanhóis em 1971.

## **Agradecimentos**

Ao largo do caminho que me levou à realização deste trabalho dissertativo, pude contar com a preciosa ajuda e apoio das pessoas que quero aqui mencionar.

À minha orientadora, a estimada Professora Doutora Cristina Vieira, pelo seu entusiasmo face ao meu projecto, pela ajuda e comentários acerca da construção do plano da dissertação, pela sua disponibilidade e simpatia. Graças à sua experiência pôde guiar-me sempre com um olhar crítico até o último sopro.

Aos meus antigos professores da Universidade de Coimbra, por partilhar a sua paixão da língua portuguesa e da cultura lusa.

Aos ciganólogos, filólogos e linguistas, tal como Carlos Clavería, George Borrow, Max Leopold Wagner, Ivo Buzek e ainda Miguel Roperó Núñez, cujas prévias investigações me ajudaram imenso na realização do presente trabalho. De maneira geral, a todos os que me precederam no estudo do povo cigano, qualquer que seja o seu ângulo de abordagem.

Às Mamoas, à Theresa e à Ana Maria, sem as quais não seria capaz de redigir este texto na língua de Camões. Não há palavras para agradecer o ensino benévolo que me deram ao longo dos últimos anos. Dedico-lhes a minha sincera amizade.

À minha família e ao Antoine, que sempre acreditaram nas minhas capacidades, agradeço o seu papel incentivador e constante apoio, e expresso aqui o meu eterno carinho.

## **SIGLAS E ABREVIATURAS**

**And.:** Andaluzismo

**Br.:** Palavra usada no Brasil

**DEA:** Diccionario del Español Actual

**DRAE:** Diccionario de la Real Academia Española

**ODB:** Ojos de Brujo

**Or. Obsc.:** Origem obscura

## ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	p. 1
1) Definição e justificação da escolha do tema.....	p. 1
2) Objectivos.....	p. 2
3) Observações metodológicas.....	p. 3
CAPÍTULO I) CONTEXTO CULTURAL DA COMUNIDADE ROM.....	p. 5
1) A propósito da terminologia.....	p. 5
2) Desde as origens.....	p. 6
3) Percurso linguístico.....	p. 10
4) A sua realidade contemporânea.....	p. 11
CAPÍTULO II) INVENTÁRIO DICIONARÍSTICO DOS VOCÁBULOS PROVENIENTES DO CALÓ NAS LÍNGUAS CASTELHANA E PORTUGUESA.....	p. 15
1) O caló contemporâneo.....	p. 15
2) Vocábulos castelhanos com raiz cigana.....	p. 18
3) Vocábulos portugueses com raiz cigana.....	p. 22
CAPÍTULO III) ANÁLISE DOS PERIÓDICOS SEMANAIS.....	p. 24
1) Espanhol: <i>El País</i> .....	p. 25
2) Português: <i>Expresso</i> .....	p. 26
3) Cotejo.....	p. 26
CAPÍTULO IV) ANÁLISE DOS MEIOS AUDIOVISUAIS SEMANAIS.....	p. 28
1) Espanhol: <i>España Directo</i> .....	p. 28
2) Português: <i>Portugal em Directo</i> .....	p. 28
3) Cotejo.....	p. 28
CAPÍTULO V) ANÁLISE DAS LETRAS DE MÚSICA.....	p. 30
1) O flamenco e alguns grupos espanhóis.....	p. 30
1.1) Introdução ao flamenco.....	p. 30
1.2) Apresentação e justificação dos grupos e cantores escolhidos.....	p. 31
- Ojos de Brujo.....	p. 32
- Canteca de Macao.....	p. 34
- El Puchero del Hortelano.....	p. 34

2) O fado e alguns grupos portugueses.....	p. 35
2.1) Introdução ao fado.....	p. 35
2.2) Apresentação e justificação dos grupos e cantores escolhidos.....	p. 35
- Deolinda.....	p. 36
- Dulce Pontes.....	p. 36
- MadreDeus.....	p. 37
3) Cotejo.....	p. 38
CONCLUSÃO.....	p. 39
BIBLIOGRAFIA.....	p. 45
ANEXOS.....	p. I

# INTRODUÇÃO

## 1) Definição e justificação da escolha do tema

No âmbito do mestrado em Estudos Ibéricos, conta-se com a realização de uma dissertação de fim de curso cujo tema é livre. Perante a diversidade dos projectos susceptíveis de investigação, que no meu caso se encontravam na área científica da cultura e da sociolinguística, destacou-se o tema das línguas minoritárias face às línguas hegemónicas da Península Ibérica. Deste modo, decidi estudar as influências dos falares românis, denominados *caló* em Espanha e *calão cigano* ou *caló*<sup>2</sup> em Portugal, no contexto da comunicação mediática e da linguagem musical. Parece-me interessante romper com o cliché habitual do cigano-mendigo e equilibrar os fluxos de dom entre os dois povos (ciganos e não ciganos). Há que salientar que o povo cigano, que recebe a denominação politicamente correcta de Rom, se caracteriza pela sua presença espalhada por todo o território ibérico, o que lhe impede de ter uma organização política e linguística. Portanto, compreendemos que os falares românis podem ser chamados dialectos e não línguas, devido à sua falta de homogeneidade e de associação a um Estado política e geograficamente definido. Por ser um povo cuja matriz cultural sempre foi oral, é através dos documentos dos não ciganos que os historiadores, filólogos e ciganólogos podem estudar esta etnia. Relativamente às influências linguísticas, tive a necessidade de restringir os seus efeitos apenas aos léxicos das línguas castelhana e portuguesa por razões de limitação temporal e material. A análise dos comunicados mediáticos permitirá classificar o vocabulário do inventário nos registos de língua. Quanto à parte musical, as letras das canções seleccionadas servirão para ilustrar a viagem de um vocábulo români até às línguas portuguesa e castelhana e também porque a música é uma dimensão cultural de grande difusão mediática, tendo por isso uma ligação temática com o estudo dos falares calão cigano e caló nos *media* (até porque a difusão da música é feita nos meios audiovisuais). Com efeito, o canto pode servir de ponte entre as comunidades linguísticas e de modo de divulgação das palavras até ao grande público.

Antes de apontar os objectivos do trabalho, algumas linhas explicativas parecem-me necessárias para fundamentar a escolha do meu tema de dissertação. Em primeiro lugar, foi o meu interesse pelas minorias culturais e linguísticas que me orientou para a comunidade dos Roma. A etnia cigana conhece uma fase de crise, neste caso linguística, portanto requer auxílio por parte não só dos seus líderes mas também dos responsáveis governamentais, autárquicos, académicos, sociais e religiosos e de estudantes interessados pela problemática. Este trabalho seria o início de uma contribuição minha, com a expectativa de poder apontar a rica influência români nas duas línguas hegemónicas ibéricas mas também assimilar alguns factos discriminatórios e denunciar a inércia que

---

<sup>2</sup> Usaremos nesta dissertação a palavra *caló* como sinónimo de *calão cigano* para referir-nos ao dialecto dos ciganos da Península Ibérica. Um uso diferente, portanto, do comum em gramática em que o *calão* significa “nível popular de linguagem”. Os termos *caló* e *calão* no sentido em que usamos nesta dissertação estão patentes em ensaios como *A gíria portuguesa : esboço de um dicionário de calão* de Alberto Bessa.

os cerca. A questão das relações linguísticas inter-étnicas pareceu-me uma abordagem interessante na medida em que apontava para factos relativos à comunicação e à integração do povo cigano no seio da Península Ibérica. Os valores e o património cultural do povo aqui em causa, que sempre lutou contra as agressões culturais, sociais, económicas e até linguísticas parece-me um tema abundante que merece ser defendido, estudado e sobretudo compreendido. Também porque geralmente os lusófonos e hispanófonos desconhecem a origem das palavras calós que residem no seu idioma, e os identifica como palavras próprias do calão carcerário actual. Por outro lado, no decurso de um trabalho semestral de Linguística Comparada, tive a oportunidade de aprofundar o meu conhecimento sobre o mosaico linguístico ibérico. As estatísticas falam por si: só 1% do povo espanhol fala eusquera, mas esta língua tem um estatuto oficial, ou pelo menos co-oficial, já que é um idioma reconhecido na comunidade autónoma basca. No caso do caló de Espanha, contamos aproximadamente 40.000 pessoas<sup>3</sup> que usam esta língua no seu quotidiano e que a consideram como materna, mas o caló nunca conseguiu atingir o reconhecimento estatal. Encontramos a mesma problemática no país vizinho. Queria descobrir qual é exactamente o lugar que esse falar ocupa no seio da Península Ibérica. Além disso, na cadeira de Culturas Regionais Peninsulares, tive a ocasião de aprofundar temas como os diferentes planos das diversidades cultural e linguística no seio da Península Ibérica, o que reiterou o meu desejo de abordar a temática aqui em causa. E por último, sendo mestranda no curso de Estudos Ibéricos, vi neste tema um aspecto interessante: o tema abrange tanto uma questão espanhola como portuguesa. Além do mais, o castelhano e o português são as duas línguas que escolhi para aprofundar durante o meu percurso académico. Uma dissertação na área da cultura e da linguística ibéricas permitirá que eu continue nesse caminho.

## 2) Objectivos

Em primeiro lugar, ambicionamos compreender a realidade cigana: a sua origem (linguística) e os seus principais rasgos de identidade cultural. Depois deste estudo ontológico, pretendemos comparar as relações das nações ibéricas com o grupo étnico cigano, através das interinfluências linguísticas e culturais, e enunciar os pontos de comunicação entre o povo minoritário cigano e os povos receptores, os Portugueses e os Espanhóis.

Apontaremos ainda as influências de uma língua minoritária frente às línguas hegemónicas da Península Ibérica, o português e o castelhano. Temos vários objectivos quanto às ditas influências. A primeira etapa consiste em registá-las, realizando um inventário de palavras castelhanas e portuguesas originariamente calós, para as poder estratificar nas distintas camadas linguísticas. Seguidamente, ilustraremos, graças a um *corpus* musical seleccionado, como um vocábulo români pode penetrar numa língua, neste caso no castelhano e no português.

Relativamente ao estudo linguístico, projectamos patentear se o cliché do calão cigano

---

<sup>3</sup> Ethnologue, Languages of the World, disponível em <http://www.ethnologue.com>

associado à marginalidade e até à criminalidade se revela verdadeiro nos meios de comunicação e na cultura musical de difusão mediática. Por fim, com este trabalho também pretendemos definir os padrões de uso do calão cigano e do caló no quotidiano das sociedades portuguesa e espanhola, depois de ter evidenciado os ciganismos nessas línguas. Dado que a língua cigana se desintegra paulatinamente, a tarefa de catalogar os vocábulos calós integrados nas línguas ibéricas aqui estudadas torna-se um dever primordial. Com efeito, nestas persistem, talvez para sempre, alguns vestígios da língua cigana. O trabalho objectiva legitimar aquelas palavras viajantes clarificando a sua verdadeira origem e caminho.

Aquando primícias deste trabalho, na definição do tema, a eleição final de estudar a “Influência do calão cigano nas línguas portuguesa e castelhana em contextos de comunicação de massa” indica ao mesmo tempo que o estudo será unívoco, ou seja, não estudaremos a influência das línguas portuguesa e castelhana sobre o calão cigano, embora isso tivesse suscitado o nosso interesse. Somos conscientes de que temos aqui um certo desequilíbrio, mas esta tarefa fica para os romanólogos. Ademais, as influências aqui em causa reduzem-se aos empréstimos linguísticos, e não culturais, artísticos, etc. Mas mais uma vez, a necessidade de visar uma problemática concreta não no-lo permite.

### **3) Observações metodológicas**

O estudo dos ciganismos nas línguas portuguesa e castelhana em contexto de comunicação de massa será efectuado a nível sincrónico e não diacrónico, ou seja, focaremos o caló nas suas influências linguísticas contemporâneas apenas. O período consagrado à investigação também não permite realizar um estudo mediático muito variado. Com isto quero dizer que o material mediático está limitado a uma única peça por categoria, sempre com o seu homólogo vizinho, e que a fase analítica não se pode estender mais do que um mês. Pelas mesmas razões, o *corpus* musical não compreenderá mais do que 3 cantores (ou *cantaores*<sup>4</sup>) ou grupos por língua.

A primeira fase do trabalho consiste em pesquisar nas bibliotecas espanholas sobre o caló, os Ciganos da Espanha e as influências sobre a língua castelhana, e nas bibliotecas portuguesas, bibliografia sobre o calão cigano e as suas influências na língua portuguesa, o povo cigano e a sua integração em Portugal. Uma vez reunida essa bibliografia, podemos começar o estudo dicionarístico, que consiste em escalpelizar os dicionários. Partiremos dos documentos que contêm registos calós, verificando o seu conteúdo e comparando-os com outras fontes. Logo pesquisaremos nas fontes antigas, como no documento de Adolfo Coelho, para assegurar a sua autenticidade, e, por fim, procuraremos nos dicionários normativos contemporâneos se foram aceites ou não e que tipo de tratamento receberam, com o objectivo de fazer o nosso próprio inventário das palavras com ligação etimológica ao caló. Relativamente à parte castelhana, os dicionários de referência serão o da *Real*

---

<sup>4</sup> DRAE: “Cantante de flamenco” (cantor de flamenco, em português).

*Academia Española*, o dicionário *Español-Gitano y Gitano-Español*, de Tineo Rebolledo, e os vários estudos de Ivo Buzek, entre outros documentos, que servirão de auxiliar para constituir o inventário. Quanto ao estudo em contexto lusófono, o *Dicionário da Porto Editora* e alguma bibliografia complementar, como por exemplo *A Gíria Portuguesa: Esboço de um Dicionário de Calão*, serão instrumentos fundamentais para este trabalho. Alguns livros da bibliografia citada servirão de base para o estudo do povo cigano, da sua origem e das suas raízes linguísticas.

Relativamente aos documentos encontrados na investigação, fomos expostos a vários constrangimentos. Primeiramente, a carência de material de investigação séria e de actualidade restringiu a possibilidade de aprofundar alguns temas. Com efeito, podemos apontar a lacuna científica neste campo, seguramente porque o caló está considerado em vias de extinção. Constatamos que depois de uma fase de profundo interesse na área da ciganologia, que propulsou a língua cigana na fila dos projectos dignos de investigação, tal interesse decaiu drasticamente. Muitos dos documentos (dicionários, livros, revistas literárias,...) encontrados nas grandes bibliotecas da Península Ibérica datam do século passado. Por este motivo, o nosso inventário compreenderá os vocábulos mais frequentes, mas nunca deixará de ser parcial. Em segundo lugar, apontaremos a falta de objectividade e de rigor científico de muitos escritos que tratam o tema. Com efeito, o propósito subjacente de defender a minoria étnica e a sua realidade linguística empurrou vários autores a falsear, exagerar ou esconder factos, ou ainda a romantizar e idealizar a etnia e os seus costumes. Por outro lado, houve uma dupla e paradoxal ajuda do trabalho de Miguel Roperó Núñez, *El léxico caló en el lenguaje del cante flamenco*. Se por um lado, o seu livro serviu de modelo para este trabalho no que se refere à metodologia, ao mesmo tempo estragou a virgindade desejada neste campo de investigação limitando a originalidade desta dissertação.

Na etapa seguinte do trabalho decorrerá uma fase analítica dos meios de comunicação – neste caso dos jornais e programas televisivos – para patentear a influência do calão cigano e do caló nas línguas portuguesa e castelhana, respectivamente, em contexto de comunicação mediática. Os meios de comunicação portugueses com que vou trabalhar são o programa *Portugal em Directo*, e o jornal *Expresso*. No caso espanhol, avançaremos com o programa *España Directo* e com o jornal *El País*.

No capítulo seguinte do trabalho pretendemos demonstrar o papel da linguagem musical, neste caso do flamenco e do fado, na plausível divulgação de expressões idiomáticas ou vocábulos calós ciganos.

Não obstante, este estudo dos ciganismos também tem limitações. Com efeito, sendo uma dissertação de mestrado, o tempo e o orçamento, além de muitos factores exteriores, podem constituir barreiras na investigação. No que se refere às limitações temporais, é evidente que o estudo dos ciganismos seja limitado a duas línguas escolhidas e não ao conjunto das línguas ibéricas, embora tivesse sido interessantíssimo a nível etnolinguístico. Assim, as duas línguas escolhidas gozaram do protagonismo durante esta reflexão, também porque resultaria pouco viável um estudo sobre os ciganismos numa língua minoritária devido à falta de investigação prévia sobre o tema.

## CAPÍTULO I) CONTEXTO CULTURAL DA COMUNIDADE ROM

### 1) A propósito da terminologia

Devido aos séculos de mistérios, de lendárias e por vezes extravagantes histórias entorno da verdadeira origem dos Roma, e às suas teorias subjacentes, podemos encontrar hoje múltiplas designações para falar desse povo. Os próprios ciganos designam-se por *Rom* ou *Manush*, palavras românis que têm o sentido de *marido* ou *homem*. Actualmente, a designação *Rom* aplica-se ao grupo vindo mais recentemente da Europa Oriental, e o *Manush* para falar do grupo mais ocidentalizado, marcado pela sua longa estadia em França. Outro grupo que chegou mais cedo e se sedentarizou na Península Ibérica é designado por *Gitano*, e é precisamente deste grupo que vamos tratar. Contudo, estes grupos ainda se dividem em subgrupos, geralmente conforme as suas ocupações ou artesanato, como por exemplo os *Kalderash* (caldeireiros: artesãos de metal, homens da forja).<sup>5</sup>

A origem da palavra *cigano* vem de *atsinnganno*, nome que designava uma seita herética vinda da Ásia Menor para a Grécia. Etimologicamente, a palavra *zincali* referir-se-ia aos *Homens negros do Sind*.<sup>6</sup> Uma multidão de línguas indo-europeias serviu-se dessa raiz para designá-los, como por exemplo o alemão *ziegeuner*, o francês *tsigane*, e o italiano *zingari*. Em contrapartida, o castelhano fixou o termo *gitano*, derivado de *egípcio*. Com efeito, uma série de línguas, como o inglês, *gypsies*, ou o grego, *egiptoi*, designa esse grupo de nómadas com uma palavra derivada de *egípcio*. Encontramos a explicação para isso no facto de algumas etnias se considerarem oriundas da Grécia ou do Egipto. Seriam Gregos que vieram fugidos dos Turcos e se diziam *egípcios* ou *egitanos*.<sup>7</sup> Além dessas grandes famílias, existem ainda inúmeras designações (*Romanichels*, Errantes, Húngaros,...), contudo por amálgama e às vezes pejorativas. Para avançar neste trabalho, usaremos a palavra *cigano*, por ser etimologicamente lógica, ou *gitano*, quando nos referimos ao grupo rom da Espanha, por ser a mais universalizada; e de maneira global dos Roma, para falar da sua família a nível internacional.

Acabaremos este aparte com um parêntese sobre os derivados dos termos *cigano/ gitano*. O sentido de palavras como *ciganagem*, *ciganar*, *ciganice*, *ciganaria*, com os seus equivalentes na língua de Cervantes, tendo por base semântica a noção de burla ou de impostura, é significativo do sentimento popular. Este revela o profundo prejuízo que atinge a honra da etnia rom. No *Diccionario de la Real Academia Española*, a entrada *gitanear* significa “tentar de enganar en las compras y ventas”. Estamos perante uma discriminação, de origem social, que transparece lexicalmente.

---

<sup>5</sup> Olímpio Nunes, *O povo Cigano*, Águeda, Obra Nacional da Pastoral dos Ciganos, 1996, p. 26.

<sup>6</sup> Província do Paquistão actual.

<sup>7</sup> Olímpio Nunes, *O povo Cigano*, p. 73.

## 2) Desde as origens

Face à diáspora do povo rom, que começou a sua peregrinação há séculos, e que forma hoje um mosaico no mapa mundial, a expectativa de determinar com exactidão o seu caminho até hoje parece pouco viável. No entanto, no curso deste primeiro capítulo, propomos reconstituir nas grandes linhas a sua trajectória que os levou do seu berço até terras ibéricas. Por questão de pertinência, não nos vamos deter nas diversas etnias roma, mas no povo caló, ou seja, nas ascendências dos ciganos da Península Ibérica.

Não se pode negar a importância do papel da linguística na ciganologia. A lexicostatística, que se baseia no estudo das diferenças lexicais entre duas famílias de língua, afim de determinar o tempo de separação que existe entre elas para poder distinguir a época do êxodo dos seus falantes, foi uma ferramenta primordial. Num estudo comparativo entre línguas dárdicas e o români, comprova-se que estas partilham 50% de cognatos.<sup>8</sup> Ainda hoje encontramos parentesco entre o sânscrito, as línguas intermédias e o caló, como o exemplificam os vocábulos seguintes<sup>9</sup>:

<u>Sânscrito</u>	<u>Persa</u>	<u>Români</u>	<u>Caló</u>
Pantcha	Pansh	Pansh	Panshé → cinco
Ega	Ek	Jek	Yek(é) → um, uma, algum, alguma

Graças a essa técnica, é possível datar as épocas de divergência das línguas, neste caso do români com os dialectos indo-iranianos.

Por outro lado, as crónicas indicam que, no século XI da nossa era, o Sultão Mahmoud de Ghazni (do actual Afeganistão) decidiu empreender uma incursão na cidade de Kannauj, no norte da Índia. Captura a milhares de cidadãos, que leva para o Afeganistão ou vende como escravos.<sup>10</sup> Alguns padeceram um êxodo forçado, e outros fugiram aos assaltos do Sultão. Partindo do norte da Índia (Kannauj) e dirigindo-se para o oeste, o primeiro território a ser pisado pelos Roma foi a Pérsia. Da Pérsia passaram à Arménia, Irão, Cáucaso, e Turquia, em direcção à Europa. Alguns atravessaram o Estreito do Bósforo e entraram na Grécia. Subindo a Península Balcânica, chegaram ao norte da Itália, e logo ao sul da França. Outras vagas atravessaram o norte da Rússia e os países do Leste (Ucrânia, Roménia, Polónia, Hungria, Eslováquia...) chegando assim aos países da Europa setentrional. Logo se deslocaram de região para região, chegando à Península Ibérica durante o século XV.

Existem duas versões relativamente à entrada dos ciganos em Portugal. A primeira, e a mais provável, conta que os ciganos, fugindo às medidas repressivas dos Reis Católicos, teriam procurado um refúgio no país vizinho. A outra hipótese defende a sua chegada ao mesmo tempo que os ciganos

---

<sup>8</sup> Angus Fraser, *História do povo cigano*, Lisboa, Edições Teorema, 1998, p. 34.

<sup>9</sup> Olímpio Nunes, *O povo Cigano*, p. 261.

<sup>10</sup> AA.VV., *Manual de lengua Romaní*, Proyecto Romaní in Europe, Málaga, s/e, 2004, p. 25.

que atravessaram o Estreito de Gibraltar, talvez nos fins do século XIV.<sup>11</sup>

Infelizmente, não houve nenhum escritor cigano que pudesse gravar as memórias sobre a sua história. Não obstante, os estudos filológicos permitem-nos definir uma data, bem que aproximativa, da presença dos ciganos em terras ibéricas. Relativamente aos ciganos em terras lusas, um primeiro texto de Luís da Silveira recolhido no *Cancioneiro Geral* de 1510 testemunha um engano praticado por uma “grega” (antigamente, *grega* tinha o sentido de “cigana”).<sup>12</sup> A poesia revela a existência do povo rom na realidade lusa, mas também indica que eles não eram tidos em boa conta. Apenas uma década mais tarde, o grande dramaturgo português Gil Vicente apresenta a *Farsa das ciganas*, na qual gozam de um protagonismo que poucas vezes conhecerão no futuro. Esse protagonismo revela que os ciganos já eram personagens bem conhecidos na sociedade portuguesa, formavam parte da sua realidade supostamente porque teriam chegado há bastante tempo. A peça encena particularidades dos seus modos de vida, tal como a leitura da sina, a dança, a mendicidade e os embustes nos negócios.<sup>13</sup> Uma cigana revela a sua origem “grega”, dizendo:

Mantenga señuras y rozaz y ricas  
De Grécia sumuz hidalgaz por Diuz,  
Nuestra ventura que fue contra nuz  
Por tierras estrañaz nus tiene perdidas.<sup>14</sup>

Constatamos ainda o “ceceo” da protagonista, marca da sua ciganidade, que constitui um método recorrente nas manifestações literárias. Na terra espanhola foi Preciosa, a heroína da *Gitanilla* de Cervantes, a representar a comunidade rom. A dançarina parecia bem conhecida na capital, já que não dançava só nas festas religiosas e nas ruas, mas também na casa de um particular, o magistrado de Santiago. Cervantes, apesar de pôr Preciosa num pedestal, divulga ao mesmo tempo os arquétipos sobre os ciganos, como as associações “ciganos-artistas” ou “ciganos-ladrões”. Aliás, não hesita em começar severamente o seu romance, com as palavras seguintes:

Parece que los gitanos y gitanas solamente nacieron en el mundo para ser ladrones: nacen de padres ladrones, estudian para ladrones, y, finalmente salen con ser ladrones corrientes y molientes a todo ruedo, y la gana de hurtar y el hurtar son en ellos como accidentes inseparables, que no se quitan sino con la muerte.<sup>15</sup>

A partir daí iniciou-se um longo período de perseguição contra os “vagabundos” tanto nas terras cervantinas como nas vicentinas. Durante o reinado de João III, ou seja, na primeira metade do século XVI, eles foram banidos e proibidos de entrar no país. As fases de expulsão tendo por critérios os rácicos foram recorrentes. Durante os dois séculos de imperialismo ibérico, assistimos a uma nova fase discriminadora frente ao povo rom. Com efeito, a deportação para os territórios ultramarinos não dispensou os ciganos, pelo contrário. Nos meados do século XVIII chegaram a ser caçados com armas,

---

<sup>11</sup> Olímpio Nunes, *O povo Cigano*, p. 74.

<sup>12</sup> Fátima Pinto; Luiza Cortesão, *O Povo Cigano: Cidadãos na Sombra, processos explícitos e ocultos de exclusão*, Porto, Edições Afrontamento, 1995, p. 13.

<sup>13</sup> *Ibidem*.

<sup>14</sup> Gil Vicente, *Antologia do teatro de Gil Vicente*, introdução e estudo crítico pela professora Cleonice Berardinelli, Rio de Janeiro, Grifo, 1971, p. 238.

<sup>15</sup> Miguel de Cervantes Saavedra, *La gitanilla*, Madrid, Ediciones del Laberinto, 2003, p. 27.

o que os tornou mais unidos para se auxiliarem. É curioso constatar que os ciganos não mereceram a atenção da Inquisição. Apenas se conhece um processo contra uma cigana por feitiçaria.<sup>16</sup> Em Espanha, a monarquia de Carlos III, inspirada pelo despotismo ilustrado francês, emitiu a Lei Pragmática, em 1783, que punha fim às perseguições dos ciganos. Essa lei representa o ponto de partida para com a tolerância, a justiça e a compreensão do povo cigano. Mas o caminho será largo e sinuoso. Em Portugal, embora a Constituição de 1822 tivesse reconhecido a cidadania portuguesa aos nascidos em territórios portugueses, não significa isto que os ciganos tenham adquirido um estatuto de cidadania plena.<sup>17</sup> A partir daí foram submetidos a uma vigilância especial por parte das forças policiais. No final do século XIX e sobretudo no século XX as relações vão paulatinamente mudar com o reconhecimento universal dos Direitos Humanos e das minorias étnicas, mas apesar das tentativas políticas, nunca assistimos a uma verdadeira integração.

Um fenómeno relevante teve lugar em Espanha nas últimas décadas do século XIX: uma moda social entre o povo e as classes altas, chamada o “flamenquismo”, e que consistia em imitar o folclore, a música e o falar dos ciganos, desempenhou um papel importante na história da língua caló e do seu povo. Do contacto íntimo das distintas camadas da sociedade nos cafés de flamenco nasceu essa atitude *flamenquista*. A *flamenquización*, que começou no sul de Espanha, estendeu-se mais tarde até à Corte.<sup>18</sup> Nos bairros populares de Madrid, o triunfo da *chulería*<sup>19</sup> também ajudou a difundir os ciganismos. Encontramos em *The Zíncali*<sup>20</sup> testemunhos de aficionados que, no seu trato com os ciganos, tinham chegado a conhecer perfeitamente os seus costumes e maneiras e até usar a sua língua com maior pureza do que aqueles. Constatamos que várias coplas originariamente em castelhano foram traduzidas em caló na mesma altura, pelos *cantaores* andaluzes que se sentiam *gitanos*. O *corpus* musical de Ropero Núñez<sup>21</sup> demonstra rigorosamente como o caló foi componente lexical do flamenco. A literatura *costumbrista*<sup>22</sup> madrilena contribuiu para enraizar o caló. Nas obras de Arniches e de José López Silva comprovamos as voluntárias imitações da linguagem, do traje e até da conduta dos ciganos. Nesta altura, o povo cigano gozou do protagonismo, e vimos a sua língua fonte de investigação dos cientistas porque fonte lexical dos espanhóis. A literatura andaluza também participou activamente, ao longo dos séculos, na divulgação e no enraizamento de inúmeros termos ciganos na língua espanhola.

Essas modas e fenómenos sociais incentivaram filólogos e linguistas a investigar sobre o povo

---

<sup>16</sup> Fátima Pinto; Luiza Cortesão, *O Povo Cigano: Cidadãos na Sombra, processos explícitos e ocultos de exclusão*, p. 15.

<sup>17</sup> *Ibidem*.

<sup>18</sup> Mercedes Román Fernández, *Aportación a los estudios sobre el caló en España*, Valencia, Universitat de València, Departamento de Filología Española, 1995, pp. 166-167.

<sup>19</sup> DRAE: Chulo: “Individuo de las clases populares de Madrid, que se distinguía por cierta afectación y guapeza en el traje y en el modo de conducirse” (indivíduo das classes populares de Madrid que se distinguia por uma certa afectação e beleza no traje e no modo de conduzir-se, em português). Neste contexto, *chulería* significa “atitude flamenquista”.

<sup>20</sup> George Henry Borrow, *Los Zíncali: los gitanos de España*, Madrid, Ediciones La Nave, 1841.

<sup>21</sup> Miguel Ropero Núñez, *El léxico caló en el lenguaje del canto flamenco*, Sevilla, Universidad de Sevilla, Secretariado de Publicaciones, 1991.

<sup>22</sup> DRAE: “En las obras literarias y pictóricas, atención que se presta al retrato de las costumbres típicas de un país o región” (nas obras literárias e pictóricas, atenção que se dedica ao retrato dos costumes típicos de um país ou região, em português).

cigano e a sua língua, era o nascimento da ciganologia. Apesar da sua secular presença, tivemos que esperar o fim do século XIX para ver aparecer o primeiro estudo sobre os ciganos de Portugal. Em 1892, o filólogo Adolfo Coelho dedicou um livro sobre o tema, algo nunca feito anteriormente. Não obstante, com uma visão que se alinha ao pensamento do seu tempo, o autor afirma que eles falam uma geringonça ou calão. A língua cigana ainda não tinha o reconhecimento dos linguistas, mas pelo menos despertou a sua curiosidade.

Por outro lado, compreendemos que foi também a atitude *flamenquista* que guiou a pluma do poeta iberista Miguel Torga. Um das belas palavras desse autor permitem-nos reflectir sobre o *modus vivendi* dos ciganos:

Ciganos. E mais uma vez a minha raiz humana estremeceu. São eles que me dão sempre a medida absoluta da liberdade que não tenho e por que suspiro. Anarquistas em espírito e corpo, lembram-me príncipes do nada, milionários do desinteresse, sacerdotes da preguiça, ampulhetas obstinadas onde o tempo não se escoia. Comem a podridão, vestem-se de absurdo, são marcianos na terra. E a vê-los caminhar na poeira do transitório, é a imagem do homem ideal que vejo passar, lírica e desdenhosa.<sup>23</sup>

Um acontecimento no século XIX poderia explicar essa súbita simpatia, e até inveja, pelo povo rom. Com efeito, os ciganos começaram a sua ascensão para o trono de músicos profissionais, sobretudo em três países – Espanha, Hungria e Rússia – a ponto de quase se tornarem elementos da identidade nacional. Assim, em Espanha por exemplo, a música tornou-se a ponte entre as duas culturas, e permitiu que houvesse um certo reconhecimento dos ciganos, pelo menos a nível artístico. O *gitanismo* do autor Federico García Lorca traduz melhor que nada essa reconsideração do povo cigano, como expressado nas palavras seguintes:

Allí he llorado yo, que no siento vergüenza en llorar, viendo bailar a un niño con los pies desnudos, desarrollando la llama de la eurtmia viva en su corazón tierno, con el ritmo heroico de todo el pueblo mio, de toda la historia nuestra envueltos en las cenizas calientes de la casta, guiñando el ojo cuco de la ironía del sur, templada por el sol que seca las sales del agua marina de Cádiz y endulza las soleras del vino de Jerez. Que no se cansen los intelectuales en bucear los arcones de la erudición. Lo flamenco es una cosa viva con los pies hundidos en el barro caliente de la calle, con la frente en los vellones fríos de las nubes desgarradas.<sup>24</sup>

Nesta confissão, o poeta andaluz revela a sua paixão pelo povo cigano, que costuma designar de “impenetrable casta pura” (impenetrável casta pura, em português). Pela primeira vez, alguém faz poeticamente o elogio da beleza artística do povo. Assim, compreendemos onde Lorca encontrou uma infinita fonte de inspiração. No seu poema *Lamentación de la muerte* (versos 15-22)<sup>25</sup>, encontramos um exemplo concreto da assimilação de uns versos ciganos:

A la mitad del camino  
Cortó limones redondos  
Y los fue tirando al agua  
Hasta que la puso de oro.<sup>26</sup>

<sup>23</sup> Miguel Torga, *Diário*, Vol. VII, Lisboa, Dom Quixote, 1999, *apud* Fátima Pinto; Luiza Cortesão, *O Povo Cigano: Cidadãos na Sombra, processos explícitos e ocultos de exclusão*, p. 18.

<sup>24</sup> Federico García Lorca, *El romancero gitano*, Madrid, Ediciones Cátedra, 1989, pp. 92-93.

<sup>25</sup> Cf. anexo I.

<sup>26</sup> Versos recolhidos de cigano anónimo, *apud* Federico García Lorca, *El romancero gitano*, pp. 192-193.

Paradoxalmente, as políticas de integração levadas no século de Torga não deram grande resultado, até se pode constatar olhando para a situação actual. O que falhou foi a política em si: destacamos o mesquinho objectivo de domesticação. A título de exemplo, uma campanha desenvolvida pela GNR portuguesa demonstra a repressão dissimulada que houve lugar em meados do século. Uma tentativa de fixação de residência (indo contra o mais enraizado modo de vida do cigano), a sujeição ao serviço militar e a vacinação concedendo um atestado de boa conduta<sup>27</sup>, constituem as bases das ditas medidas de integração.

### 3) Percurso linguístico

O români, língua indo-europeia tendo por antepassado o sânscrito, conheceu grandes influências do persa, do grego, do arménio e do romeno no seu caminho da Índia até ao seu território de “acolhimento”. Na consequência da conquista da Índia pelos Turcos, diversos grupos, nomeadamente os Zott, os Sindhi, os Dom e os Kalé emigraram até à Pérsia. O grupo Kalé atravessou vários países enriquecendo nesse trajecto os seus falares com influências locais, para chegar finalmente à Península Ibérica. Como sinaliza George Borrow, houve uma penetração considerável de vocábulos russos e eslavos nas línguas români.<sup>28</sup> O investigador destaca o dinamismo dessa língua, que soube adaptar-se às realidades vividas pelos seus falantes resistindo sempre às ameaças externas. Contudo, a falta de padrão escrito empurrou a língua a dividir-se em dialectos conforme os distintos caminhos tomados pelos povos roma. Hoje em dia, contamos algumas grandes famílias de línguas românis, e uma rede de mais de 60 dialectos que cabem num conjunto de grupos, entre eles o caló, dialecto români da Península Ibérica.<sup>29</sup> O români absorveu tanto das línguas de contacto que falantes de distintas zonas dificilmente poderiam conversar entre si. De facto, é discutível se o români não atingiu uma fase em que deva ser considerado um grupo de línguas estreitamente relacionadas e não uma única língua com inúmeros dialectos.<sup>30</sup> Considera-se o caló um idioma misto, a cavalo entre a gramática espanhola/portuguesa e o léxico români. Além da falta de rigidez na sua estrutura, existe um verdadeiro abismo lexical, que se acentuou a partir dos anos 50. Assim, os seus interlocutores acomodaram alguns vocábulos ao seu próprio léxico, como *agostuncho* → de *agosto*, *abriluncho* → de *abril*, *vinagruncho* → de *vinagre*, *livruncho* → de *libro*, etc. Encontramos vários factores para explicar a perda da riqueza inicial do români da Península Ibérica, o que se exporá no segundo capítulo.

---

<sup>27</sup> Fátima Pinto; Luiza Cortesão, *O Povo Cigano: Cidadãos na Sombra, processos explícitos e ocultos de exclusão*, p. 19.

<sup>28</sup> George Henry Borrow, *Los Zíncali: los gitanos de España*, Madrid, Ediciones La Nave, 1841, p. 135.

<sup>29</sup> Angus Fraser, *História do povo cigano*, pp .288-289.

<sup>30</sup> *Ibidem*, p. 290.

#### 4) A sua realidade contemporânea

Será que os ciganos formam uma nação? Se possuem uma bandeira e um hino<sup>31</sup>, uma língua (mesmo que lhes falte uma literatura), uma história e um passado tumultuoso comum, hábitos, tradições e leis sociais, em contrapartida, carecem de governo e de terra. Tal como o povo judeu, o êxodo inicial, as perseguições e a vida errante da pátria sem terra, em conjunto com a consciência da minoria da sua raça, formam o núcleo que une os seus membros. Por outro lado, constituindo os ciganos um grupo social da mesma origem, existente antes da formação do Estado e que se dividiu depois, poderiam ser considerados uma tribo. Não obstante, muitos autores vêm nesse termo uma nota pejorativa e desusa. Quando muito, poderá falar-se de uma etnicidade, pouco homogénea, mas muito actuante como factor de clivagem social.

De facto, o conjunto dos grupos sociais qualificados de ciganos (*tsiganes, gitanos, zincalé,...*) não constituem uma nação homogénea, mas várias nações primas. Neste contexto, os ciganos da Península Ibérica, os Calés, seriam um ligamento da cadeia rom. Mas essa classificação serve-nos para compreender de maneira abstracta e superficial a realidade do povo cigano porque não se pode decalcar o conceito de nação da nossa sociedade actual, precisamente porque se aplica à nossa sociedade. O cigano de hoje perdeu a consciência da sua origem, quer dizer que não sabe com segurança qual é a sua procedência, quantos ciganos estão dispersados e por onde, mas conserva uma consciência colectiva que faz com que se sinta irmão de qualquer cigano: o sangue os une.<sup>32</sup>

Existe uma verdadeira dicotomia entre a etnia rom e o resto dos cidadãos ibéricos, tanto na Espanha como em Portugal. As palavras em români *gadgé/ payo*, que recebem a definição de “não cigano”<sup>33</sup>, exemplificam o conceito de segregação drástica entre as duas raças. Aliás, a etimologia da palavra *caló* pode ser vista como o reflexo de uma realidade: significa “negro” em români. A simples diferença racial que sobressai à primeira vista deu lugar à apelação do seu povo. Mas além dos rasgos culturais encontramos propriedades genéticas. Com efeito, a antropologia física pôde determinar algumas características anatómicas da etnia, como por exemplo através das medidas do corpo ou do estudo dos grupos sanguíneos.

Hoje em dia, os ciganos vivem em reclusão, com uma estrutura social bem própria. Uma particularidade que encontramos na estrutura domiciliária é o facto de eles não terem renunciado a partilhar o lar com a família alargada, e não só nuclear, como nas culturas europeias. A família, ou conjunto familiar, reúne vários casais com os respectivos filhos. Desta forma, o controle social dos membros fica assegurado. Este baseia-se num conjunto de regras e proibições ligadas à limpeza, à pureza, ao comportamento entre gerações e entre sexos e ao respeito. No caso de alguém praticar falta grave a respectiva resolução tem de ser encontrada em conjunto pelo grupo dos mais velhos e adoptada por consenso, com base nos valores de moralidade e de respeito pela honra e pela pureza.

<sup>31</sup> A bandeira e o hino cigano foram estabelecidos durante o Primeiro Congresso Cigano em 1971.

<sup>32</sup> Mercedes Román Fernández, *Aportación a los estudios sobre el caló en España*, pp. 71-72.

<sup>33</sup> *Diccionario de la Real Academia Española*- vigésima segunda edición, disponível em <http://buscon.rae.es/draeI/>

Existe uma simbiose entre a identidade familiar e individual, e prova disso é que os ciganos costumam usar o apelido para se identificar. Com efeito, a vida do cigano gravita em torno da família, a qual se constitui numa cadeia de membros solidários perante estranhos.<sup>34</sup> Frente aos *gadgés*, eles formam um tipo de clã: isso quer dizer que têm tendências exclusivistas, sobretudo nas suas tradições relativas ao casamento. A proibição de formar uma união com um *gadgé* limita o processo de integração. A lei social que promove as trocas matrimoniais étnicas entre as diferentes famílias incentiva uma tendência para a endogamia no seio da comunidade cigana. Assim, pode haver medidas de integração laboral e linguística, em algumas zonas políticas de integração urbana, mas o cigano será sempre em primeiro lugar membro da comunidade rom e só depois cidadão de uma nação. Podemos falar de uma verdadeira marginalidade experimentada por essa comunidade, desde as primícias até hoje em dia. Força é constatar que o Estado contribuiu para essa marginalização, como já vimos, tal como o cigano se recusou a integrar-se talvez por recear de perder os seus valores e costumes, mas também para se proteger das expulsões. Foram se concentrando em bairros nas cidades ou em agrupamentos nos subúrbios, e assim se formou o ciclo vicioso. O sujeito e a estrutura social ligam-se numa relação de interdependência de normas, hábitos e tradições pré-estabelecidas. É este *habitus* que separa o cigano da nossa sociedade hegemónica e normalizadora, embora tenhamos mais rasgos semelhantes do que contrastivos.<sup>35</sup>

Podemos dividir os ciganos em três categorias conforme o seu modo de vida : os sedentários, os semisedentários e os nómadas. No que se refere aos semisedentários, são todos os que ficam num determinado lugar durante semanas, meses ou até anos, mas se deslocam para efectuar certas tarefas e trabalhos (vindimas, feiras, colheitas...) Na actualidade, menos de 5% do povo rom segue nómada, a maioria deles viajando na Europa Ocidental. Os 95% restantes ou integram, e cada vez mais, a sociedade, ou têm um lugar de estabelecimento, mas não um território delimitado.<sup>36</sup> Embora cada vez mais sedentário em geral, o cigano contemporâneo luta contra a mundialização. Ainda hoje alguns conservaram formas tradicionais de vida, como os nómadas, que vão de feira em feira, estabelecendo as suas caravanas à beira dos caminhos...

Na maioria dos casos, o sedentarismo resultou numa completa desintegração<sup>37</sup>, como o prova o número elevadíssimo de ciganos vivendo nos bairros de lata e arredores urbanos. Porém, podemos falar duma integração a nível artístico. Com efeito, este povo é hoje reconhecido internacionalmente como virtuoso na dança, no canto e na música. No que se refere à música, os ciganos têm uma predilecção para os instrumentos de corda (a guitarra, a viola, o ataúde e a cítara), mas não excluem outros instrumentos como o címbalo ou os violinos. Em Espanha, o cigano é indissociável do flamenco, do “cante jondo”. Eles desempenharam um papel de intérpretes das canções e danças da

---

<sup>34</sup> Carlos Cardoso, *Que sorte, ciganos na nossa escola!*, Paris/ Lisboa, Centre de recherches tsiganes, Secretariado Coordenador dos Programas de Educação Multicultural, Ministério da Educação, 2001, p. 25.

<sup>35</sup> *Ibidem*, p. 36.

<sup>36</sup> Marcel Courthiade, “La lengua y la identidad gitana: algunos datos actualizados”, in *I Tchatchipen*, Revista Trimestral de publicación gitana, nº 31, Instituto Romanò de servicios sociales y culturales, 2000, p. 31.

<sup>37</sup> Olímpio Nunes, *O povo Cigano*, p. 320.

Andaluzia de tal forma que entretanto estas assumiram o carácter cigano.<sup>38</sup>

Como regiões principais de estabelecimento ou de viagem no início os ciganos escolheram o Alentejo em Portugal e os montes andaluzes em Espanha. Porém, hoje em dia estão bem dispersos, não existindo nenhuma comunidade autónoma da Espanha ou região de Portugal continental sem presença cigana. As maiores concentrações ficam, todavia, na Andaluzia, Catalunha, Estremadura e Castela para Espanha e em Lisboa, no Porto, Guarda e Braga, mas sobretudo nas terras alentejanas para Portugal.

A falta de registos civis no seio da comunidade cigana impede dar com exactidão um censo demográfico correcto. Também podemos culpar a ausência de estudos sucessivos e aprofundados sobre os ciganos em geral. Na actualidade, os números variam entre 500 e 700 mil ciganos no território espanhol<sup>39</sup>, e uns 40 000 em Portugal<sup>40</sup>.

Segundo um inquérito dos Assuntos Sociais espanhóis, sobre o total da população activa, uns 40% dedicam-se à venda ambulante, 20% à recolha de sucata e de cartões, 25% aos trabalhos jornaleiros e trabalhos agrícolas e os 15% restantes são operários qualificados.<sup>41</sup> Reparámos que os trabalhos são manuais, devido à falta de instrução e de preparação laboral para outros sectores. Os ciganos costumam ensinar aos filhos a sua profissão, de modo que um jovem que não recebe a aprendizagem no seio da família encontra-se desprovido e propenso ao desemprego. Em Portugal, um inquérito efectuado em 2003 pelo ERRC e pela Numera<sup>42</sup> revelou que:

- 84,4 % dos inquiridos estavam formalmente desempregados;
- 40,3 % declaravam estar envolvidos em empregos informais;
- 44,2 % declaravam não ter nenhum tipo de emprego remunerado.

Se analisamos outro inquérito conduzido pela Numera em 2005<sup>43</sup> sobre os níveis de literacia compreendemos as causas desta situação:

- 42% dos inquiridos tinham completado os primeiros 4 anos de educação;
- 5% tinham completado os primeiros 6 anos de educação;
- 3% tinham completado os primeiros 9 anos de educação;
- 1% tinha concluído a educação secundária.

O baixo nível de alfabetização constitui a barreira principal contra o acesso ao emprego.

Em traços muito gerais, os contrastes sociais e culturais ainda hoje existentes permitem assinalar uma vulnerabilidade social acentuada, como o acesso de muitas famílias ciganas ao Rendimento Mínimo Garantido e aos programas de realojamento dramaticamente demonstra. Com efeito, a marginalização, a guetização, a desvinculação estrutural face ao mercado formal de emprego, o analfabetismo, a inserção profissional prematura no contexto da economia informal e o baixo nível

---

<sup>38</sup> Angus Fraser, *História do povo cigano*, p. 199.

<sup>39</sup> Fundación Secretariado General Gitano de España, disponível em [www.gitanos.org](http://www.gitanos.org)

<sup>40</sup> Carlos Cardoso, *Que sorte, ciganos na nossa escola!*, p. 26.

<sup>41</sup> Mercedes Román Fernández, *Aportación a los estudios sobre el caló en España*, p. 35.

<sup>42</sup> Numera, disponível em <http://www.numera.com>

<sup>43</sup> AA.VV., *Os serviços sociais ao serviço da inclusão, O caso dos Ciganos*, Budapeste, ERRC, NUMENA, 2007, p. 51.

da participação sócio-política são regularidades que marcam, ainda hoje, a realidade social vivida pela gente cigana. Talvez o grupo étnico cigano acumule, de forma ímpar, um conjunto de dimensões de contraste social e cultural em relação à sociedade portuguesa em geral.<sup>44</sup>

Hoje, algumas perspectivas de intervenção social, até aqui de muito difícil concretização, estão a nascer. Multiplicam-se projectos de saúde comunitária, de alfabetização para jovens e adultos, de mediação social e de formação profissional. Em Portugal, o Plano Nacional de Acção para a Inclusão Social 2003-2005 inclui a promoção à participação ao emprego e o acesso universal aos recursos, direitos, bens e serviços (habitação, saúde, pensões, assistência social...), a prevenção da exclusão e mobilização de todas as partes interessadas.<sup>45</sup> Em Espanha, o Plano objectiva fomentar o acesso ao emprego, garantir e melhorar os recursos económicos mínimos, alcançar uma educação de qualidade e equidade, uma série de medidas para reduzir a pobreza derivada das mudanças sócio-demográficas.<sup>46</sup>

---

<sup>44</sup> Paulo Machado, *A etnia cigana em Portugal*, disponível em <http://www.janusonline.pt>

<sup>45</sup> AA.VV., *Os serviços sociais ao serviço da inclusão, O caso dos Ciganos*, p. 49.

<sup>46</sup> Plan Nacional de Acción para la Inclusión social del Reino de España 2008-2010, disponível em [http://www.msc.es/politicaSocial/inclusionSocial/docs/2009\\_0\\_plan\\_nac\\_accion\\_inclusion\\_social\\_2008\\_2010.pdf](http://www.msc.es/politicaSocial/inclusionSocial/docs/2009_0_plan_nac_accion_inclusion_social_2008_2010.pdf)

## CAPÍTULO II) INVENTÁRIO DICIONARÍSTICO DOS VOCÁBULOS

### PROVENIENTES DO CALÓ NAS LÍNGUAS CASTELHANA E PORTUGUESA

#### 1) O caló contemporâneo

Hoje em dia, a maioria dos ciganos usa as línguas nacionais para interagir no seu quotidiano, poucos são os que conversam em caló. Aliás, os diálogos em caló puro restringem-se geralmente à esfera familiar. Este fenómeno não é especificamente ibérico, como o indica Carlos Clavería<sup>47</sup>. O calão cigano contemporâneo é lexicalmente pobre, no campo da tecnologia e da ciência, da fauna e flora e no campo das áreas institucionais, que a riqueza vocabular sobre o corpo humano, os estados morais e físicos, a esfera familiar, o artesanato e os termos relacionados com as suas actividades laborais vem compensar. Regra geral, o povo conservou a terminologia útil na vida quotidiana, os defeitos e qualidades, os elementos básicos e as matérias primas. O cigano ibérico não tem noção da perda linguística que teve lugar. Depois de uma longa fase transitória de bilinguismo, os grupos sedentários foram perdendo o uso da sua língua materna. Hoje, apenas usam entre eles algumas palavras para ocultar algo às autoridades ou a qualquer *gadje* ou simplesmente para se certificar se um desconhecido é de raça cigana. O caló tornou-se código de comunicação, um tipo de etnolecto.<sup>48</sup> Esta língua foi-se empobrecendo, moldada pelas línguas de contacto, neste caso o castelhano e o português. Na actualidade, apenas conserva alguns rasgos morfológicos próprios e um léxico disperso que se emprega na estrutura sintáctica do castelhano.<sup>49</sup> Com isto, o dialecto tornou-se pogadolecto.<sup>50</sup> A título de exemplo, citamos os decalques na conjugação, neste caso verbos ao infinitivo: *brijindar* (llover), *camelar* (querer), *chinelar* (cegar)... A terminação *-ar* dos infinitivos demonstra perfeitamente como um vocábulo caló pode castelhanizar-se. Apontamos vários factores linguísticos e extra-linguísticos que conduziram a este processo de diluição.

Em primeiro lugar, houve políticas de repressão linguísticas, que datam já do século XVIII, quando o Rei Filipe V de Espanha condenava os ciganos surpreendidos a falar români. Em Portugal, as repressões de este tipo também não faltaram. Hoje assistimos ao processo contrário, quer dizer, vemos nascer uma multidão de associações defensoras da língua e do património das minorias, neste caso do grupo rom, mas que não podem apagar os séculos de política repressiva. Depois, o caló teve de se adaptar às novas formas de vida dos seus falantes. O choque das duas culturas, uma sedentária e outra nómada e, pelo conseguinte, muito mais rudimentar, resultou muito influente. Para poder participar às formas de vida moderna, como por exemplo à nova forma de vestir, à tecnologia, ao sistema institucional, à nova geografia, fauna e flora e aos usos e costumes dos autóctones, o recém-chegado teve de se adaptar lexicalmente. A falta de substratos, em muitos casos, implica dois comportamentos

<sup>47</sup> Carlos Clavería, "Estudios sobre los gitanismos del español", p. 14

<sup>48</sup> Olímpio Nunes, *O povo Cigano*, Águeda, p. 265.

<sup>49</sup> Mercedes Román Fernández, *Aportación a los estudios sobre el caló en España*, p. 65.

<sup>50</sup> Pogadolecto: dialecto composto de um léxico procedente de uma língua A e da gramática de uma língua B.

dos interlocutores: ou criam um neologismo, ou inspiraram-se na língua fonte, assimilando com ou sem mudanças ortográficas e fonéticas os vocábulos. Em ambos os casos, aumenta-se a clivagem entre os ramos provenientes do români inicial.

Logo apontamos o factor económico. Sendo o cigano quase predestinado ao comércio, parece óbvio que tenha de partilhar a língua dos clientes para poder vender. Com efeito, foi sobretudo na esfera laboral que o caló entrou em contacto com a língua de “acolhimento”. Podemonos perguntar então porque não houve formação natural de uma língua crioula, como acontece quando duas línguas entram em contacto e que os seus falantes se vêm obrigados a comunicar para conviver. Mas a língua crioula costuma nascer como língua franca entre colonos e autóctones. Portanto, como no caso dos ciganos não houve ocupação mas uma mera infiltração progressiva de um grupo minoritário, uma simples degradação do seu próprio léxico teve lugar. Os ciganos vêm-se sujeitados linguisticamente à sociedade ibérica. Mesmo hoje, os membros da comunidade que querem aceder ao emprego devem primeiro alfabetizar-se para poder seguir formações. Aliás, constatamos que o caló se conserva muito mais nas zonas rurais do que nas urbanas. Além disso, um critério de índole linguístico influiu neste processo de desintegração. A entrada de inúmeros vocábulos do falar cigano no calão do mundo do crime tem contribuído para a desintegração progressiva da língua. Com efeito, o facto de muitos vocábulos de origem români penetrarem nesse mundo delinquente dissuadiu os ciganos de os usar. Houve, assim, uma medida proteccionista por parte dos interlocutores do calão cigano, que rejeitaram instintivamente os vocábulos aceites na linguagem comum.

E para terminar, apontamos as razões afectivas. Com o prestígio das línguas dominantes sobre o calão cigano, menosprezado na sociedade e até confundido com a linguagem dos rufiões, o caló não resistiu à influência linguística castelhana ou portuguesa. O facto de a solidariedade tribal se basear mais no vínculo do sangue que no da língua acentuará o seu progressivo desaparecimento.

Em contrapartida à diluição da língua, assistimos ao levantamento de associações para proteger o que resta dela. As que defendem os direitos e a cultura cigana organizam anualmente congressos, encontros, jornadas do cigano,... Vimos nascer uma série de dicionários espanhol-caló, de registos lexicais e até houve uma tradução do Evangelho de São Lucas em caló. Como em qualquer outra língua, existe uma série de factores centrípetos e centrífugos. Neste contexto, a palavra de ordem da União Români Internacional, uma organização activa pelos direitos dos Roma, é cooperação, uma cooperação que consiste em diminuir os fossos entre os diferentes grupos ciganos. Encarregam-se neste momento de retirar as palavras emprestadas que contaminam as línguas românis e de as substituir por palavras comunas em români.<sup>51</sup> Além disso, a União Români Internacional criou um alfabeto polidialectal rom, e elaborou o primeiro glossário de rom padrão. O Presidente da Unión Romaní Española, Juan de Dios Ramírez Heredia, uma figura importantíssima da comunidade rom ibérica, primeiro porque é o único Doutor *Honoris Causa* cigano, mas sobretudo pela sua luta quotidiana contra a xenofobia e pela conservação da cultura do seu povo, já deu a sua opinião

---

<sup>51</sup> Marcel Courthiade, “La lengua y la identidad gitana: algunos datos actualizados”, in *I Tchatchipen*, nº 31, p. 33.

linguística.<sup>52</sup> Convém especificar que tem oponentes, que consideram o caló como dialecto derivado do români. Óscar Vizarraga, secretariado da associação basca Kale dor Kayiko e membro da Junta directiva da União Români, luta pela promoção da língua cigana do País Vasco, chamada *erromintxela*.

Celebrou-se em Barcelona o primeiro Congresso Mundial para o estudo da Língua Cigana, e no IV Congresso da Língua Cigana, celebrado em 1990 em Varsóvia, já se estabelecia o alfabeto români. No Centre de recherches tsiganes da Universidade René Descartes em Paris existe uma Comissão de Padronização do Români que se preocupa com a sua preservação e com a respectiva fixação escrita.<sup>53</sup>

Por outro lado, também vimos a obsessão dos puristas aumentar para contrapor a extinção do falar. Assim, muitos deles tentam defender a língua usando vocábulos caídos em desuso há décadas, ou repudiando outros que consideram vulgares, como *jalar* ou *gachí*. Não obstante, essas palavras têm uma etimologia bem documentada: *jalar*>do sânscrito *khad* e *gachi*>do persa *ghazi*. Este tipo de atitudes acarreta implicações no desenvolvimento do idioma, tornando-o pouco natural.

Durante muito tempo houve um amálgama entre os termos *calão* – *geringonça* – *germania* assim como com os seus homólogos castelhanos *caló* – *jerga germanesca* – *germanía*. De facto, a Real Academia Española, contribuindo para essa discriminação linguística, definia o termo *caló* como “jerga que hablan los rufianes y gitanos” (*geringonça dos rufiões e ciganos, em português*), sem diferenciar o que é dialecto dos ciganos da língua germanesca nem cigano de rufião.<sup>54</sup> De nenhum modo a língua dos ciganos, aparentada com o sânscrito, pode ser confundida com a antiga germania castelhana ou portuguesa. Essa confusão conceptual e terminológica, hoje quase apagada na língua cervantina, segue prejudicando a língua dos ciganos portugueses. Convém agora precisar que a *geringonça* é uma linguagem desprovida de gramática e de sintaxe, ininteligível para os estranhos, enquanto que o *calão* se refere a um certo número de vocábulos entendidos por todos mas de uso restrito a certas ocasiões.<sup>55</sup> Não obstante, constatamos que inúmeros vocábulos ciganos também pertencem à *geringonça*, que costuma emprestar vocábulos às línguas estrangeiras, o que incentiva a confusão. Inicialmente, o *caló* tinha a sua independência gramatical, mas hoje goza duma independência muito parcial das línguas de contacto. Continua de ter, por exemplo, um léxico para a organização temporal e um sistema numeral.

Enquanto existem dois termos em castelhano – *caló* e *jerga* – para um só em português – *calão* – compreendemos que essa falta lexical gera consequências, e continua hoje a confundir-nos, e pior ainda, a influenciar a nossa consideração respectivamente à língua cigana. Certo, existe a palavra *caló* no Dicionário da Porto Editora (o nosso dicionário de referência), mas definida como “língua dos ciganos de Espanha”. Por este motivo, usaremos os termos “*caló*” ou “*calão cigano*” como sinónimos ao longo do presente trabalho.

---

<sup>52</sup> Cf. anexo IV.

<sup>53</sup> Carlos Cardoso, *Que sorte, ciganos na nossa escola!*, p. 28.

<sup>54</sup> Foi na 19ª edição (1970) que o DRAE reconheceu o *caló* como “língua de los gitanos” (língua dos ciganos, em português).

<sup>55</sup> Olímpio Nunes, *O povo Cigano*, Águeda, p. 260.

Existe uma série de factores que tem favorecido a confusão dos termos, como a convivência dos grupos sociais e o seu modo de vida nómada (tanto dos ciganos como dos rufiões) e o seu estabelecimento em lugares afastados dos grandes núcleos. Trata-se de factores sociológicos. Referindo-se aos factores de tipo linguístico, apontaremos o carácter oral de ambas as línguas, a sua flexibilidade e abertura devido à sua falta de normas estabelecidas. A identificação entre a língua cigana e a gíria criminal também aumentou o grau de confusão.

Geograficamente, o caló estende-se por Espanha, Portugal e o sul de França. Alguns autores afirmam que também se fala em América do Sul (importado pelos ciganos que emigraram da Península Ibérica), mas existe um fosso imenso que separa os dialectos de além e de aquém mar.

## 2) Vocábulos castelhanos com raiz cigana:

Foi o filólogo alemão Max Wagner o primeiro a chamar a atenção dos linguistas sobre o grande número de palavras ciganas que residiam na linguagem popular espanhola e que iniciou um estudo sistemático das mesmas. Todos os vocábulos que aparecem neste inventário linguístico provêm de várias fontes, nomeadamente do glossário caló da associação Kalé dor Kayiko, da investigação dos ciganólogos Miguel Roperó Núñez, Max Wagner, Carlos Clavería, de Mercedes Román Fernández e de Yvo Buzek, entre outros, e de fontes variadas como de letras musicais ou ainda de investigações publicadas pela revista *Tchatchipen*. O DRAE reconhece a origem caló da maioria deles, mas quando não foi o caso, outras fontes, como o inventário calão de Adolfo Coelho, ou o de Ivo Buzek, serviram de base na constituição do nosso registo. Cada *gitanismo* aparece traduzido por sinónimos em língua castelhana que provêm do DRAE, e contém na maioria dos casos uma breve explicação etimológica.

Achares: celos/ disgusto/ pena (ciúme/ desgosto, pena, em português). Do caló *jachare* que significa “tormento”.

Andoba: tal, éste, aquel.

Apoquinar: pagar.

Barbián: desenvuelto/ arriscado (desenvolto/ arriscado, em português). Do caló *barbán*, aire (ar, em português).

Barí: excelente/ joya (jóia, em português). Da palavra români *baré* que significa “grande, excelente”.

Bato: padre (pai, em português). Da palavra români *bato*.

Biruji/Biiruje: viento muy frío (vento muito frio, em português). Do caló *biruji* que significa “frio”.

Bocata/ boqué: hambre (fome, em português).

Buten (de): excelente. Do români *but* que significa “mucho” (muito, em português).

Caló: lengua de los gitanos españoles (língua dos ciganos espanhóis, em português). Do caló *caló*, “negro”.

Calé: de raza gitana/ moneda (de raça cigana/ moeda, em português). Do caló *caló*, “negro”.

Camelar: querer/ engañar (enganar, em português). Do verbo români *kamel* que significa “querer, amar”.

Canguelo: miedo (medo, em português).

Cañí: de raza gitana (de raça cigana, em português). Do români *kānī* que significa “gallina” (galinha, em português).

Cate: golpe. Do caló *caté*, bastón (bastão, em português), e este do sânscrito *kāṣṭha*, madera.

Catear: suspender.

Chachi/Chanchi: estupendo, muy bueno (muito bom, em português). Do caló *Tchachipén* que significa “verdad” (verdade, em português).

Chai: niña/prostituta (menina/ prostituta, em português). Da palabra cigana *čaví*, o feminino de *čavó*.

Chalado: loco, ido (louco, em português). Do verbo români *chalar* que significa “ir”.

Chalar: ir/enloquecer/enamorar (ir/enlouquecer/namorar, em português). Do verbo români *chalar* que significa “ir”.

Chamullar: hablar (falar, em português). Da palabra români *čham* que significa “mejilla” (bochecha, em português).

Chanelar: entender, saber. Daí os derivados *chando*, que significa “sabio”, *chanelo*, “negocio” e *chanada* “superchería” (fraude, em português). No DRAE só encontramos o verbo *chanelar*, mas todos os seus derivados se encontram no dicionário de Corominas.

Chaval: chico (menino, em português). Da palabra români *čhavo* que se refere à criança cigana. Contém uns derivados como *chavea* e *chavó*.

Chingar: beber con frecuencia vino o licores/ importunar/ practicar el coito (beber com frequência vinho ou licores/ importunar/ praticar o coito, em português). Do caló *čingarár*, pelear (brigar, em português).

Chipé: verdad (verdade, em português). Da palabra *chipén* que significa “vida”.

Chislama: muchacha (menina, em português).

Chulé: moneda de 5 pesetas (moeda de 5 pesetas, em português).

Chungo: feo (feio, em português). Também existe o derivado *chunquearse*.

Chunga: burla festiva. Também *estar de chungo*, estar de buen humor (estar bem disposto, em português). *Chungón* usa-se para falar duma pessoa aficionada à “chungo”.

Choro/chorizo: ladrón (ladão, em português). Do români *choró/ćor* que tem o mesmo significado. Existem os derivados *choricear, choriceo, chori*.

Clisos: ojos (olhos, em português). Do caló *clisos*, que tem o mesmo significado.

Currar: trabajar (trabalhar, em português). Do caló *currar*, este do sânscrito *kṛnoti*, “hacer” (fazer, em português). Tem vários derivados, como *currante, curro* e *curre*.

Currelar: trabajar (trabalhar, em português).

Churrumbel: bebé, niño (bebe, criança, em português).

Chusquel: perro (cão, em português).

Diñar: dar. Do verbo români *del* que tem o mesmo significado. O derivado *endiñar* significa “dar um golpe”.

Diquelear: comprender (compreender, em português).

Endiñar: dar o asestar un golpe (dar ou asestar um golpe, em português).

Estache: Sombrero de fieltro flexible, de alas muy reducidas (tipo de sombreiro, em português).

Gachó: hombre (homem, em português). Do români *gajo* que se usa para designar “todo aquele que não é cigano”.

Gachí: mujer, muchacha (mulher, moça, em português) Segue a gramática rom para formar o feminino em castelhano.

Gilí: tonto, cándido. Do români *jili* que significa “inocente, cándido”. Tem muitos derivados em castelhano, como por exemplo *gilipollas*.

Guripa: Persona que mantiene el orden (pessoa que mantém a ordem, em português). Do caló *kuripen*.

Ja(i): mujer joven y atractiva (mulher jovem e atractiva, em português). Talvez do vocábulo cigano *alhajada*, que tinha o sentido de “mujer, esposa del maleante” (mulher, esposa do meliante em português).

Jalar/Jamar: comer. Do verbo români *xal* que significa “comer”.

Jeta: cara.

Jiñar: evacuar el vientre/ acobardarse. (evacuar o ventre/ acobardar-se, em português).

Jindama: miedo (medo, em português).

Jonjabar: lisonjear, engatusar (, em português). Do caló *jojabar*, engañar, burlarse (enganar, burlar-se, em português).

Lacha: vergüenza (vergonha, em português). Do sânscrito *lajjā* que tem o mesmo significado.

Lumia: prostituta. No figura no DRAE mas sim no registo de Adolfo Coelho.

Mangar: pedir, mendigar/ hurtar, robar (furtar, roubar, em português). Do verbo români *mangel* que significa “pedir, solicitar”.

Manús: individuo, tipo (indivíduo, tipo, em português).

Menda: yo (eu, em português). Do pronome pessoal români *menda* que tem o mesmo significado.

Mengue: diablo (diabo, em português).

Molar: valer, servir. Do verbo români *moler* que significa “valer”. Existe o derivado *molón*, que mola.

Mui: boca, lengua (boca, língua, em português). Do români *muj*.

Najar: marcharse precipitadamente (ir-se precipitadamente, em português). Do caló *najarse*, derivado de *nachar*, “huir” (fugir, em português).

Nanai: no (não, em português). Do caló *nanai*. No figura no DRAE mas sim no *Vocabulario andaluz*<sup>56</sup> e no registo de Adolfo Coelho.

Pañí: agua. Do sânscrito *pāñīya*, bebida.

Paripé: comiquearía, fingimiento. Da palavra *paruipén* que significa “cambio, trueque” (mudança, troca, em português).

Parné: dinero (dinheiro, em português). Do români *parné* que significa “blanco”(branco, em português). Provem da tradução literal *estoy sin blanca* (não tenho dinheiro, em português).

Payo: no gitano (não cigano, em português).

Pinrel: pie (pé, em português). Do români *pinré*.

Piar: beber vino (beber vinho, em português). Do sânscrito *pi-bati*, que conservou a raiz *pi* à qual se juntou a terminação espanhola *-ar*.

Pirar: andar, irse. Do verbo români *phirel* que significa “irse, andar, pasear”. O substantivo derivado *pira* significa “fuga” em castelhano contemporâneo. Também existe o derivado *pirandón*.

Privar: beber. Do verbo români *pél* que significa “beber”.

Pureta: viejo (velho, em português). Do români *phuro* que tem o mesmo significado.

Tasca: taberna.

Terne/ ternejal: fuerte/ obstinado/ que se jacta de guapo (forte/ obstinado/ que se jacta de belo, em português). Do caló *terno* que significa “joven” (jovem, em português).

Trajelar: comer.

Trincar: robar (roubar, em português). Do verbo caló *trinquelar*, que significa “tomar”. Outra vez, a origem caló não figura no DRAE mas sim no léxico do *Vocabulario Andaluz*<sup>57</sup>, e no registo de Adolfo

---

<sup>56</sup> AA.VV., *Manual de lengua Romani*, p. 161.

<sup>57</sup> *Ibidem*, p. 161.

Coelho.

Em definitiva, uma sessentão de lexemas, mais os seus derivados, constituem o nosso inventário. Provavelmente serão os mais usados e aceites na língua castelhana contemporânea. Mas como é óbvio, uma língua sendo um organismo vivo, em qualquer momento pode nascer ou morrer qualquer palavra ou expressão idiomática já que os seus interlocutores são livres de criar, repetir, adaptar ou rejeitar. Por outro lado, para complementar o nosso estudo, julgamos importante mencionar os vocábulos que o DRAE omite mas aos quais alude Ivo Buzek<sup>58</sup>:

Alguns vocábulos que não se encontram no DRAE mas sim no Diccionario del Español Actual (DEA):

Bul/Bullate: nalgas (nádegas, em português).

Calorro: gitano (cigano, em português).

Chinorri: niño (criança, em português).

Churi: navaja (navalha, em português).

Jebe: nalgas, ano (nádegas, ânus, em português).

Magué: pene (sexo masculino, em português).

Pelé: testiculo (testículo, em português)

Sacáis: ojos (olhos, em português).

Sirlar: atacar con navaja (atacar com navalha, em português).

Rulé: trasero, culo (cú, em português).

Na conclusão do seu estudo sobre *Los términos de las partes del cuerpo humano de procedencia gitana en el español actual* Ivo Buzek denunciava a reticência do DRAE para a entrada de palavras calós, enquanto que o DEA era muito mais aberto. Contabilizou 139 vocábulos no primeiro para 206 no último.

### **3) Vocábulos portugueses com raiz cigana:**

Seguiremos o mesmo processo para os ciganismos da língua portuguesa. Cabe mencionar a investigação de Olímpio Nunes<sup>59</sup> e de Max Leopold Wagner<sup>60</sup>, que serviu de base para este inventário. Devido à escassa fonte de glossários de palavras portuguesas tendo uma origem cigana, a pesquisa fez-se também a partir dos ciganismos espanhóis. Todas as palavras foram procuradas no *Dicionário de Língua Portuguesa*, da Porto Editora.

---

<sup>58</sup> Ivo Buzek, “La imagen del gitano en el DRAE”, in *Revista de Lexicografía*, 2005-2006, n° 12, pp. 47-63.

<sup>59</sup> Olímpio Nunes, *O povo Cigano*, p. 262.

<sup>60</sup> Max L. Wagner, “O elemento cigano no calão e na linguagem popular portuguesa” in *Boletim de Filologia*, Lisboa, 1949, vol. X, pp. 296-319.

Calão: língua dos ciganos/ gíria. Do caló *caló*, “negro”.

Calé: cigano. Do caló *caló* que significa “preto”.

Caló: língua dos ciganos de Espanha.

Chalado: idiota. Do indicativo sânscrito *džala*, “ir”.

Chalar: andar, fugir.

Chaval: adolescente de sexo masculino, quando bonito.

Chingar: aborrecer; insultar. Dizem que provém do quimbundo, enquanto que no DRAE indicam a origem cigana. Além do mais, figura nas fontes de Adolfo Coelho.

Chunga: sem valor, ordinário/ de mau aspecto. O Dicionário da Porto Editora indica uma origem obscura enquanto que o DRAE indica a origem caló.

Chungoso: *ib.* *chunga*.

Chulé: cheiro dos pés/ sujidade nos dedos dos pés. Do cigano *chulló* “gordura de porco”.

Gajo/ gajão: tipo/ indivíduo ordinário. Do români *gachó*.

Mangar: mendigar.

Paio: indivíduo ingénuo (Br.).

Parné: dinheiro.

Piar: beber vinho. Do sânscrito *pi-bati*, “beber”.

Piela: bebedeira.

Pirar: enlouquecer (Br.)/ ir embora, fugir.

Tasca: taberna.

Taró: frio, vento frio.

Uma mera quinzena de palavras ciganas foram detectadas na língua portuguesa ao longo deste trabalho. Consciente de que deve haver mais, estas serão aquelas com que trabalharemos porque provavelmente as mais frequentes.

### CAPÍTULO III) ANÁLISE DOS PERIÓDICOS SEMANAIS

Antes de começar a análise propriamente dita, vale a pena contextualizar a imprensa na nossa sociedade, o seu papel decisivo na opinião pública, os seus efeitos benéficos e nefastos. As liberdades de informação e de expressão deram ao homem a possibilidade de alargar a sua sabedoria e a sua consciência sobre o seu meio. O mecanismo instalado nas nossas sociedades ocidentais tornou a informação acessível a qualquer homem que a procure. Mas a imprensa tem efeitos nefastos para a saúde pública. Com efeito, sendo ao fim e ao cabo, também um produto comercial, com objectivo lucrativo, a informação não é um dado puro, mas filtrado e trabalhado segundo normas e tradições mediáticas, além de interesses ideológicos e financeiros mais ou menos encapotados.

Quanto à sua influência, o receptor da notícia costuma assimilar algumas informações, as mais salientes, e até às vezes esquece-se de formar a sua própria opinião sobre o tema. A objectividade máxima sendo inatingível, mesmo na imprensa que se qualifica de neutra e transmissora da realidade, há sempre tendências que deixam marcas no subconsciente do leitor/ ouvinte da informação. Assim foi inúmeras vezes quando um artigo tratava do tema cigano. Na revista *I Tchatchipen*, o jornalista cigano Joan M. Oleaque exprime:

“Estamos acostumbrados a ver que los medios de comunicación actúan ocasionalmente como un reflejo inconsciente de la parte más evitable de los conceptos sociales. En el caso del pueblo gitano, esto es demasiado habitual. Principalmente, la prensa se ocupa de nuestro pueblo cuando hay miembros de él vinculados a sucesos (...) Los medios no sólo se ocupan de los gitanos en la crónica negra. También en la crónica rosa, o en las páginas de sociedad, o en los espectáculos. Gitanos que bailan, que cantan, que se ligan a supermodelos, que toreadan, o que tienen una creencia religiosa aparatosa y diferencial.”<sup>61</sup>

Em poucas palavras, o jornalista acusa a imprensa de fomentar o arquétipo. Os ciganos são vítimas da má imprensa, e para mudar a opinião que o resto da sociedade tem sobre eles, há de romper o ciclo vicioso, mudando a imagem difundida pelos meios de comunicação social. Poucos oferecem uma olhar tão respeitoso como o do director de cinema Emir Kusturica. Com efeito, o autor de *Black cat white cat* ou de *Time of the Gypsies* propõe uma visão diferente do universo cigano. Na sua tarefa de retratar os ciganos, ainda que sobre tonalidades do realismo mágico, nada exclui ou exagera. A história, a magia, a arte de vida, a dimensão mítica do povo sem-terra contrasta com a sua suja realidade. Em *Time of the Gypsies* por exemplo, sobressai a honestidade, tendo por temas principais do filme o tráfico de crianças e a mendicidade. A sua fascinação pelo povo cigano nasce no facto de este povo sobreviver à civilização e globalização sem se deixar contaminar e mantendo intacto os seus costumes. Mas regra geral, o cinema, a rádio, a televisão, os jornais e revistas representam, segundo muitas associações que se juntaram na campanha contra a má imprensa, um terreno perigoso onde a lei da livre expressão prejudica a comunidade cigana.

Neste contexto, seria interessante observar a atitude da imprensa, desta vez de outro ângulo. Em vez de analisar o seu fundo, focalizaremos a sua forma, neste caso, a realidade linguística. Assim,

---

<sup>61</sup> Joan M. Oleaque, “Prensa y Gitanos: la tristeza del tópico”, in *I Tchatchipen*, n°37, pp. 46-47.

sem perder de vista o nosso objectivo inicial, que é definir o lugar do caló na sociedade ibérica, com os meios de comunicação como ferramenta, vamos neste capítulo trabalhar com dois jornais, o *El País* e o *Expresso*. Usando o mesmo paradigma no capítulo seguinte, analisaremos os programas televisivos *España Directo* e *Portugal em Directo*. O período de análise dos jornais corresponde ao quarto fim-de-semana de Maio, do sábado 22 e domingo 23 e ao segundo fim-de-semana de Junho, do sábado 12 e domingo 13. Neste espaço de tempo, as notícias do *corpus* seleccionado foram rigorosamente analisadas na sua forma lexical.

### 1) Espanhol: *El País*

No conjunto dos artigos constituindo a edição de *El País* de domingo 23 de Maio de 2010, foram encontradas duas palavras calós. Vamos retratar o seu contexto:

1)

Título do artigo: “Mentiras milagrosas”

Rubrica: Sociedade

Frase: “Lo que está claro es que ya nadie niega que la fe del paciente en un tratamiento , aunque este sea un **camelo**, mejora su estado físico (...)”.

Palavra caló: Camelo. Do verbo *camelar*, que provém do români *kamel*, que significa “amar”.

2)

Título do artigo: “El arte de no dejar ni rostro”

Rubrica: Cultura

Frase: “Por una vez, España no alimenta el *top* 100 del **choriceo**”.

Palavra caló: Choriceo. Do verbo *choricear*, *chorar*, emprestado ao caló *choró*, que significa “roubar”.

#### Comentário:

As duas únicas palavras ciganas encontradas têm uma conotação pejorativa. Ambas pertencem ao mundo da criminalidade: uma ao mundo do engano, e a segunda ao do roubo. Esta análise prova que a discriminação linguística da língua cigana segue vigente. Também ambas aparecem nas rubricas ligadas a factos diversos, enquanto que as rubricas da economia, política, ciência e desporto não contêm nenhum vestígio do caló. O DRAE atribui a *camelo* o registo coloquial, enquanto que a palavra *choriceo* pertence ao vulgar.

No conjunto dos artigos constituindo a edição de *El País* de domingo 13 de Junho de 2010, foram encontradas duas palavras calós. Vamos retratar o seu contexto:

1)

Título do artigo: “Manifiestamente mejorable”

Rubrica: Cultura- crítica flamenco

Frase: “Al término del concierto salvó casi la noche con una larga secuencia de **bulerías** de su tierra jerezana, en las que brilló con gracia y duendes, quitándose un tiempo del micrófono y bailándoseas.”

Palavra caló: Bulerías. Etimologicamente deriva do latim *bullā* ou de *burla*. No entanto alguns autores afirmam que *bulerías* como tal é pura criação cigana, por este motivo merece figurar nesta análise.

2)

Título do artigo: “Mugaritz alza de nuevo el telón”

Rubrica: Cultura

Frase: “Ahora tenemos que demostrar lo que tanto nos hemos **currado**.”

Palavra caló: Currar. Do caló *currar*, este do sânscrito *kṛnoti*, hacer.

#### Comentário:

Neste caso, as duas palavras encontradas não seguem os mesmos padrões de uso que as duas encontradas na edição do 13 de Maio. A primeira, *bulería*, pertence à gíria do mundo flamenco, e é um andaluzismo, enquanto que *currar* é um simples sinónimo de *trabajar* (trabalhar, em português), com a marca de uso “coloquial”. Não obstante, foram encontradas nas mesmas rubricas que na edição anterior, isto é, nas páginas de “sociedade” e “cultura”.

### **2) Português: *Expresso***

Nas edições do *Expresso* de sábado 22 de Maio e 12 de Junho de 2010, não foram encontradas quaisquer palavras em caló. Na edição do 12 de Junho, os artigos “Gueto de ciganos dá origem a queixa” e “Um bairro atrás do muro” enchem a página 32. Não obstante, apesar de o tema focar na comunidade cigana, não foram encontradas quaisquer palavra cigana. Além do mais, reparamos que a palavra *cigana* aparece quatorze vezes nessa página: o autor recusou o uso do sinónimo *calé*.

### **3) Cotejo**

Os resultados da análise permitem determinar o nível e campo dos vocábulos calós encontrados, conjuntamente com o seu lugar na imprensa escrita ibérica. Nas rubricas de política, economia e desporto não foram encontradas nenhuma palavras ciganas, o que significa que o caló não conquistou esses campos lexicais. Os quatro vocábulos calós do *El País* encontravam-se nas rubricas de sociedade e cultura, já que esse campo semântico usa um registo menos técnico e mais coloquial do

que as outras. Aliás, as marcas de uso de todas as palavras encontradas o testemunham: duas têm a menção “coloquial”, uma “vulgar” e a última “andaluzismo”. Por outro lado, destaca-se o facto de que Espanha usa, mesmo na sua imprensa de envergadura internacional, palavras calós, enquanto que Portugal rejeitou qualquer influência linguística cigana, mesmo quando teve a oportunidade de fazê-lo.

## CAPÍTULO IV) ANÁLISE DOS MEIOS AUDIOVISUAIS SEMANAIS

Os dois programas seleccionados para análise dos audiovisuais, *España Directo* e *Portugal em Directo*, pertencem às cadeias nacionais TVE e RTP, respectivamente. Ambos são difundidos à mesma hora, antes do jornal televisivo da noite, o que quer dizer que são susceptíveis de ter a mesma audiência e o mesmo público. Além disso, há uma perfeita correspondência a nível da temática. Com efeito, ambos os programas tratam de assuntos regionais, e propõem várias rubricas como reportagens, denúncias, cozinha, meteorologia, festas e eventos do país. Essa diversidade temática, conjuntamente com a diversidade dos entrevistados e dos seus respectivos níveis diastráticos, foram os imperativos na hora da escolha dos programas. Ademais, o facto de ter, neste caso, uma informação de tipo oral permite fazer um estudo comparativo com a escrita dos jornais seleccionados.

### 1) Espanhol: *España Directo*

Ao longo do programa *España Directo* do dia 2 de Junho de 2010, encontramos uma palavra registada no nosso catálogo de vocábulos castelhanos de origem caló. Vamos retratar o seu contexto:

Tema: Tapetes de flores.

Localidade: Pontearos (Galiza).

Palavra: *Chavalines*. *Chavalín* é um derivado de *chaval* que também derive da palavra români *chavo*, que se refere à criança cigana.

Interlocutor: A apresentadora do programa *España Directo*.

Ao longo do programa *España Directo* do dia 14 de Junho de 2010 não foram encontradas palavras de origem caló.

### 2) Português: *Portugal em Directo*

Ao longo dos programas *Portugal em Directo* dos 2 e 14 de Junho de 2010, não encontramos nenhuma palavra registada no nosso catálogo de palavras portuguesas originariamente ciganas.

### 3) Cotejo

Os resultados da análise dos programas televisivos são bastante surpreendentes. Por ser uma difusão de tipo oral, de uma parte, pelo seu nível popular, e pela grande diversidade e diastratismo dos entrevistados podíamos esperar uma maior divulgação de palavras ciganas, que como vimos anteriormente, costumam pertencer a um registo coloquial. As tradicionais marcas de uso não influem

neste caso, e várias teorias podem ajudar a perceber esse fenómeno. Primeiramente, por o programa divulgar a imagem dos entrevistados, estes talvez não se sentem a vontade com o uso de vocabulário de tipo coloquial ou vulgar e esforçam-se a usar outro registo. Frente à câmara, não se sentem como se estivessem escondidos nas linhas de um jornal. Por outro lado, os jornalistas têm uma confiança suficiente no seu nível de língua para saber usar no momento propício uma palavra cigana, como foi o caso no *El País*. Sentem-se mais livres de usar palavras ciganas.

## CAPÍTULO V) ANÁLISE DAS LETRAS DE MÚSICA

Vejamos agora partir do *corpus* musical o que se passa com a divulgação da língua cigana nas línguas castelhana e portuguesa.

### 1) O flamenco e alguns grupos espanhóis

#### 1.1) Introdução ao flamenco

Antes de entrar na fase analítica dos “cantos fundos”, vale a pena reconstituir o percurso histórico do papel dos ciganos na arte flamenca. Desde o fim do século XVI, os ciganos de Espanha, e sobretudo da Andaluzia, começaram a interpretar as danças e os cantos locais, nos acontecimentos religiosos e seculares. Como é óbvio, os cantos do século XV, que eram nessa época uma resposta à convivência das três culturas, a mourisca, a judaica e a católica, foram mudando de tema e de modo. A partir do século XIX, ouviu-se falar do *flamenco*. Mas, pode-se perguntar de onde este surgiu.

Durante os séculos de repressão, a música local conheceu no seio da comunidade rom uma fase de desenvolvimento clandestino, quase impermeável ao mundo *gadjé*. Na sua origem estava o canto fundo, que os seus intérpretes vieram enriquecer. Os temas do canto fundo, o amor, a dor, o orgulho, a perseguição, a vingança, o ciúme, a liberdade e a lealdade, no princípio eram improvisados sem acompanhamento instrumental, mas com um batimento rítmico.<sup>62</sup> O *Jaleo* (palmadas, assobios, interjeições (como *olés*) e pateadas), assim como a guitarra, que hoje são indissociáveis do flamenco, só se casaram com o canto mais tarde.

O flamenco foi saindo da sombra à medida que as repressões diminuíram. Assim, no fim do século XVIII, o Tio Luis el de la Juliana teve a honra de ser o primeiro nome cigano a tornar-se famoso. Nesta altura iam emergindo nos bairros ciganos das cidades andaluzas (Jerez, Sevilla e Cádiz) uma cultura flamenca cada vez mais dinâmica. Aos *cafés cantantes* vinham os ciganos da região a comungar os seus *duendes*.<sup>63</sup> No entanto, o termo *flamenco* ainda não correspondia ao estilo musical mas aos seus intérpretes. Mais tarde, durante o século XIX, *flamenco* tomou o significado de “cante gitano puro” (canto cigano puro, em português) para logo englobar a noção de canto popular além do canto cigano puro. O *flamenco* era doravante um género híbrido, cigano-andaluz.<sup>64</sup> A aceitação e divulgação do *flamenco* como género musical foi criada por artistas profissionais urbanos. Com efeito, em meados do século XIX, estes sítios sagrados para os *cantaores* começaram a florescer, modulando o estilo musical até então privado. Em 1882, o artista John Singer Sargent, numa pintura chamada *el Jaleo*, testemunhara da eminência dessa realidade artística. Em suma, estamos na alba do reconhecimento internacional desse folclore local. Os turistas estrangeiros acorriam para conhecer as

---

<sup>62</sup> Angus Fraser, *História do povo cigano*, p. 200.

<sup>63</sup> DRAE: “Fuerza o alma de una melodia” (força ou alma duma melodia, em português).

<sup>64</sup> Danielle Dumas, *Chants flamencos. Coplas flamencas*. Paris, Aubier-Montaigne, 1973, p. 13.

várias *seguidillas gitanas*<sup>65</sup> e admirar as danças das ciganas. Uma série de famílias de artistas, todas alcunhadas, saiu do anonimato partilhando com o público a sua arte. Segundo as próprias palavras de Federico García Lorca: “Desde Jerez a Cádiz, diez familias de la más impenetrable casta pura guardan con avaricia la gloriosa tradición de lo flamenco.”<sup>66</sup>

Entre as profundas influências da cultura cigana na arte flamenca, encontramos de modo particular o caso do vestuário. Actualmente, não é difícil confundir o traje das ciganas com o andaluz ou sevilhano. Também existe um vínculo considerável entre o vestuário do toureiro e o do homem cigano. Por outro lado, Carlos Clavería afirma que “el toreo, la fiesta flamenca por excelencia, no solo hizo popular el “flamenquismo” sino que contaminó con caló el estilo y los tecnicismos empleados por la crítica taurina.”<sup>67</sup>

Pelo seu parentesco com o elemento cigano, o flamenco tem muito para nos ensinar sobre a viagem linguística e inter-étnica dos vocábulos de origem caló. Com efeito, como podemos comprovar, esse género musical, junto ao calão dos delinquentes, foi o principal meio de propagação dos ciganismos. A mera confusão entre os termos *flamenco – gitano – andaluz* é prova da harmoniosa osmose que teve lugar nas terras andaluzas. O próprio flamenco, às vezes chamado “cante jondo”, outras vezes “cante andaluz”, ou ainda “cante grande”, recebe também a denominação de “cante gitano”.<sup>68</sup> E como um dos objectivos principais deste trabalho é seguir, baseando-se no *corpus* de coplas flamencas contemporâneas, a viagem das palavras em caló que já são património de todos os espanhóis, faremos o estudo filológico das letras relevantes dos autores modernos que se atreveram a usar ciganismos, criando assim um caminho novo para os vocábulos ciganos.

## 1.2) Apresentação e justificação dos grupos e cantores escolhidos

Relativamente aos grupos seleccionados, seguiremos dois critérios: o primeiro, a condição de fazer parte do género musical flamenco, isto é, não flamenco puro, mas seguindo uma certa métrica ou compasso. A contemporaneidade constitui o segundo critério, isto é, todos os grupos datam do século XXI (ou dos anos 90 do século XX) e permanecem activos. Procederemos à determinação dos vocábulos relevantes para poder logo ilustrar o seu uso nas letras de uma ou várias canções e dar a sua definição<sup>69</sup>. Mas antes, consagraremos algumas palavras aos artistas aqui em causa, a sua origem e estilo musical.

---

<sup>65</sup> Tipo de dança andaluza.

<sup>66</sup> Federico García Lorca, *El romancero gitano*, pp. 92-93.

<sup>67</sup> J.M. De Cossio, *Los Toros*, II, Madrid, 1947, p. 558 *apud* Carlos Clavería, “Estudios sobre los gitanismos del español”, p.36.

<sup>68</sup> Miguel Ropero Núñez, *El léxico caló en el lenguaje del canto flamenco*, p. 14.

<sup>69</sup> Cf. anexo II.

## Ojos de Brujo

O grupo nómada nasceu nas ruas barcelonesas no final dos anos 90, e neste momento já percorreu o planeta cantando. Seguindo a senda de Diego Carrasco, empregam estilos musicais não flamencos puros mas respeitando o compasso ou a estrutura métrica de certos *palos*<sup>70</sup> tradicionais. Propõem uma fusão de elementos flamencos com o reggae, o hip hop e o rock, entre outros. Sendo um grupo emblemático da música espanhola contemporânea, e sobretudo defensora da minoria linguística cigana, parece-nos relevante para esta dissertação. Com efeito, os Ojos de Brujo (ODB) não temem usar palavras ciganas, mesmo não reconhecidas pelos dicionários da língua castelhana, nas suas letras e títulos. O título do seu primeiro álbum, orgulhosamente chamado “Vengue” (“*duende*” em caló)<sup>71</sup>, contém mensagens bem claras: primeiro, a reivindicação da dignidade do caló como língua, mas também o parentesco entre a cultura cigana e o flamenco. Na mesma linhagem, os títulos dos álbuns seguintes “Barí” (“jóia/excelente” em caló), “Techarí” (“liberdade” em caló) e o último, “Aocaná” (“agora” em caló), sempre anunciaram o propósito do grupo. Por estes motivos, propomos uma análise lexical completa das letras dos seus quatro álbuns mencionados nas linhas anteriores. Eis o inventário dos termos do caló incorporados ao léxico de ODB:

- An
- Aocaná
- Barí
- Baró
- Belen
- Bué
- Calé
- (Zin)Caló(é)
- Camelar
- Currelar
- Curro
- Chibé
- Chiró
- Diquelar
- Garlochín
- Greñi
- Jeli
- Majaré

---

<sup>70</sup> DRAE: “Cada una de las variedades tradicionales del cante flamenco” (cada uma das variedades tradicionais do canto flamenco, em português).

<sup>71</sup> Ojos de Brujo Website, disponível em [www.ojosdebrujo.com](http://www.ojosdebrujo.com)

- Mistó
- (A)Lalá
- Listrabá
- Osuncho
- Panal(í)
- Parné
- Paya
- Quelarar<sup>72</sup>
- Silné
- Sinelar
- Siscabar<sup>73</sup>
- Sistiýí
- Techarí
- Vengue

Foram contabilizadas trinta e duas palavras distintas de origem cigana, poucas delas aceites pelo DRAE, algumas presentes no inventário de Adolfo Coelho e outras no *Diccionario Gitano-Germanesco-Español*<sup>74</sup>, no conjunto das quarenta e nove canções que constituem os quatro discos do grupo. Os ODB adoptam sem adaptar um número elevado de palavras ciganas, criando neologismos na língua castelhana. Até usam palavras em quimbundo e hindustâni, entre outros, que incorporam ao léxico castelhano. Algumas palavras de caló são mesmo recorrentes, como *caló*, *calé* e *diquelar*, que reaparecem três vezes no conjunto do *corpus*. Há uma grande variedade de termos encontrados, podemos falar de riqueza lexical, apesar de estar o caló em plena decadência de uso linguístico.

A divulgação constante e generosa dos termos calós prova que os ODB querem glorificar o povo cigano. Aliás, no disco Barí, dedicam a canção “Calé Barí” a “todos los gitanos y gitanas que derrochan arte en la música y en la vida”<sup>75</sup>. Outra canção do mesmo disco, chamada “zambra”, alude à festa dos ciganos do Sacromonte<sup>76</sup>. Constatamos que o álbum está impregnado da cultura cigana. Além disso, a escolha das palavras em caló para como títulos dos seus álbuns, sabendo que o título anuncia o universo do conteúdo e seduz o público, pode significar que os ODB defendem um ideal cigano. O grupo assumiria, de facto, a continuação do *flamenquismo* novecentista na sociedade moderna. As suas letras seriam o principal veículo de difusão dos ciganismos.

---

<sup>72</sup> Provavelmente confundido com o verbo caló *querelar*, que significa “sair”.

<sup>73</sup> Provavelmente confundido com o verbo caló *sicabar*, que significa “fazer”.

<sup>74</sup> F.M. Pabanó, *Historia y costumbres de los gitanos: colección de cuentos viejos y nuevos, dichos y timos graciosos, maldiciones y refranes netamente gitanos*, Sevilla, Ediciones Extramuros, 2007, pp. 71-131.

<sup>75</sup> ODB, canção “Calé Barí”, pp. 19-20 do disco Barí.

<sup>76</sup> Bairro periférico de Granada onde muitos ciganos se estabeleceram.

### Canteca de Macao

O grupo madrilenho experimenta um novo estilo de flamenco, que mistura com reggae e ska. Apesar de ter só cinco anos de existência, o grupo já goza de um êxito sem par, tanto a nível local como nacional e internacional. Vamos proceder à análise dos seus três álbuns “Cachai ?”, “Camino de la Vida Entera” e “Agua pa' la Tierra”. Eis o inventário dos termos do caló incorporados ao léxico de Canteca de Macao:

- Bulerías
- Currar
- Gachó

Podemos constatar que o inventário dos termos calós presentes no *corpus* do grupo é bastante pobre. Só foram encontradas três palavras no total das trinta e nove canções. Dessas, duas (*currar* e *gachó*) são de uso coloquial e vulgar, bem incorporadas ao castelhano contemporâneo, enquanto que *bulerías* é um andaluzismo.<sup>77</sup> Etimologicamente deriva do latim *bullā* ou de *burla*. No entanto alguns autores afirmam que *bulerías* como tal é pura criação cigana. O grupo tem uma atitude fundamentalmente diferente face à língua cigana. Com efeito, só usa palavras aceites pela Academia, não tem a intenção de divulgar o caló nem de enriquecer o castelhano. A sua liberdade expressiva está limitada.

### El Puchero del Hortelano

Outra banda contemporânea de flamenco experimental, los Pucheros propõem ritmos díspares como funky, rock e rumba com um fundo flamenco. O grupo formou-se no fim dos anos 90, na Universidade de Granada. Hoje em dia, o grupo granadino conta com cinco discos: “Aficiones”, “Once Temas de Conversación”, “Candela”, “Hamuraki” e “Directo”. Eis o inventário dos termos do caló incorporados ao léxico do Puchero del Hortelano:

- Calis
- Parné

Podemos tirar as mesmas conclusões que para os Cantecas de Macao. Das cinquenta e oito canções do grupo só descobrimos duas de origem cigana. O grupo tem uma atitude similar frente ao uso do caló.

---

<sup>77</sup> Forma parte do léxico caló do *Vocabulario Andaluz*.

## 2) O fado e alguns grupos portugueses

### 2.1) Introdução ao fado

O fado nasceu no coração lisboeta de um encontro de várias culturas musicais. Foi nos bairros populares que, no início do XIX, ou talvez nas últimas décadas do século anterior, surgiram novas tendências musicais. Adquirindo posteriormente uma complexidade rítmica, serão as primícias do fado actual. A origem do género é, pois, uma canção urbana, espontânea e propriedade dos *faiais*<sup>78</sup>. O som das guitarras, que hoje parece indissociável desta música, veio enriquecê-la mais tarde. No século XX, com a contribuição de grandes poetas, o fado tornou-se literário e mais solene, com o qual os fadistas adquiriram o estatuto de artista. Como espelho da alma portuguesa, o seu ritmo, ora alegre ora melancólico, é um dos meios mais transcendentais de a nação se expressar. Não passa um dia em Portugal sem se ouvir um fado numa rua, num bar, na rádio: o fado é omnipresente. Conquistou o povo independentemente da sua classe social ou região, e até cruzou as fronteiras do pequeno rectângulo para clamar a sua voz no fim do mundo. Por estes motivos, o fado merece formar parte do nosso estudo, pela sua simples força de carácter e envergadura. Além disso, a sua origem popular, que hoje constitui o seu “passado negro”, resulta sumamente interessante para a formação do *corpus*. Com efeito, na *Gíria Portuguesa*, encontramos uma definição interessantíssima da palavra *calão*: “Linguagem especial dos fadistas, gatunes e classes inferiores.”<sup>79</sup> A estreita correlação entre o fado, os seus autores e o *calão* constitui outro argumento probante em como resultaria lógico estudar o fado e as suas letras para verificar a sua potencial influência na divulgação do *calão* cigano na contemporaneidade.

### 2.2) Apresentação e justificação dos grupos e cantores escolhidos

Antes de citar os grupos que formarão este *corpus* musical português, temos de definir os critérios de selecção. Tentaremos, apesar das particularidades musicais de ambos os países que impedem que os grupos tenham um perfeito homólogo vizinho, que pelo menos haja um certo paralelismo na escolha. Por este motivo, favoreceremos os grupos contemporâneos ainda em actividade, inspirados no fado e na música popular. A origem portuguesa e a lusofonia dos artistas constituem outros imperativos incontornáveis. Procederemos à determinação dos vocábulos relevantes para poder logo ilustrar o seu uso nas letras de uma ou várias canções e dar a sua definição<sup>80</sup>. Mas antes, consagraremos algumas palavras aos artistas aqui em causa, a sua origem e estilo musical.

---

<sup>78</sup> Os *faiais* ou *fadistas* tinham antigamente o sentido de homem vadio, brigão, desordeiro. Também essa palavra se usava para se referir a uma mulher prostituta.

<sup>79</sup> Alberto Bessa, *A gíria portuguesa : esboço de um dicionário de calão*, Lisboa, Livraria Central Editora, 1919.

<sup>80</sup> Cf. anexo III.

## Deolinda

O grupo português chegou ao palco em 2006, e já conta com dois álbuns, “Canção ao lado” e “Dois selos e um carimbo”. A banda, inspirada pelo fado e pela música popular, experimenta um estilo que alguns denominam “fado da rua”. Mas, a simples associação da palavra fado com o grupo lançou uma polémica nacional. Com efeito, o grupo diverge do fado tradicional em vários aspectos, sendo o maior a ausência da guitarra portuguesa. Também as mensagens não são marcadas pelo fatalismo mas pela ironia. O grupo propõe um tipo de fado experimental, vanguardista e colorido. Eis o inventário dos termos que poderiam ser do calão cigano incorporados ao léxico dos Deolinda:

- Mouco → origem obscura.
- Poxa → origem obscura.
- Ralé → origem obscura.
- Tino → origem obscura.
- Acato → origem obscura.
- Tacho → origem obscura.
- Estourar → origem obscura.
- Menino → origem obscura.

Num total de vinte e oito canções que constituem os dois álbuns dos Deolinda, não foram encontradas palavras de origem cigana. Não obstante, ficaram algumas palavras sem identidade definida, as acima indicadas. A possibilidade de que tenham algum vínculo com a língua cigana é ínfima, já que não figuram no inventário cigano de Adolfo Coelho, nem foram encontrados vestígios em nenhum outro documento.

## Dulce Pontes

Dulce José Silva Pontes é, indubitavelmente, uma cantora do panorama musical português e internacional. A sua voz penetrante conquistou os amantes da *World Music*. Com efeito, a doce combinação de géneros, como o fado, a pop, o folclore e a música clássica, tornaram-na famosa. Desde o início do nosso século, Dulce Pontes partilhou três novos discos com o público: “Focus”, “O coração tem três portas”<sup>81</sup> e “Momentos”. Eis o inventário dos termos que poderiam ser do calão cigano incorporados ao léxico de Dulce Pontes:

- Catita → origem obscura.
- Pifão → origem obscura.
- Esgueiro → origem obscura.

---

<sup>81</sup> Disco elaborado com Ennio Morricone.

- Calé: de raça cigana. Do caló *caló*, que significa “preto”.
- Tasca: taberna. Do caló *tasca*, com o mesmo significativo.

Num total de quarenta e cinco canções analisadas minuciosamente, foram encontradas duas palavras de origem cigana. As duas palavras foram encontradas no mesmo disco, “O coração tem três portas”. Na canção titulada “cigano”, a palavra *calé* aparece como simples sinónimo de *cigano*, e na canção “velha tendinha”, *tasca* é sinónimo de *taberna*; em ambos os casos, estão aí para evitar uma repetição. A “velha tendinha” aparece como um retrato da antiga Lisboa, onde fadistas, artistas, boémios e bêbedos frequentavam as tascas. Esta palavra, posta neste contexto, permite-nos fazer o vínculo com a correlação original entre o fado e o calão. Não obstante, ficaram três palavras (*catita*, *pifão* e *esgueiro*) sem identidade definida. A possibilidade de que tenham algum vínculo com a língua cigana é ínfima já que não figuram no inventário cigano de Adolfo Coelho, nem foram encontrados vestígios em nenhum outro documento.

### MadreDeus

A banda portuguesa, originária de Alfama, nasceu nos anos 80 e conhece hoje um êxito mundial. Os MadreDeus divulgam uma música híbrida, entre música clássica, fado e música popular. Houve muita controvérsia à volta deste grupo porque foi erroneamente classificado no género fado, sobretudo na opinião internacional. Embora o grupo tenha uma certa aproximação ao espírito do fado, nomeadamente nas letras que se referem à saudade, às viagens e ao mar, a componente instrumental não permite ordenar definitivamente o grupo nesta gaveta. A banda já se remodelou várias vezes e lançou uma dúzia de discos. Não obstante, seleccionámos os álbuns contemporâneos, isto é, desde o início do nosso século, que correspondem aos nossos critérios para o *corpus* musical. Por este motivo, as letras de “Movimento”, “Um Amor infinito”, “Faluas do Tejo” e “Metafonia” serão objectos do estudo lexicográfico. Rejeitámos o último disco da banda, agora chamada “Banda Cósmica”, por ser demasiado longínquo do fado e fundamentalmente distinto da sua essência, mas aceitámos o penúltimo “Metafonia”, por ter sido criado com a inspiração inicial.

- Afastar → origem obscura.
- Baralha → origem obscura.

Não foram encontradas quaisquer palavra de origem cigana no conjunto do *corpus* constituído pelas cinquenta e cinco canções dos discos determinados. Não obstante, duas palavras presentes no *corpus*, *afastar* e *baralha* ainda têm uma origem obscura. A possibilidade de que tenham algum vínculo com a língua cigana é ínfima já que não figuram no inventário cigano de Adolfo Coelho, nem foram encontrados vestígios em nenhum outro documento.

### 3) Cotejo

Para justificar a quase inexistência de calão cigano nas letras analisadas em contexto lusófono, apontamos vários fenómenos. Em primeiro lugar, a cunha do fado foi revolucionada. Se na sua essência era obra do baixo povo, e era apreciado nas tascas dos bairros populares, agora ouve-se maioritariamente em grandes salas, com um público internacional. A partir dessa revolução, os fadistas tornaram-se artistas, e grandes poetas compuseram letras para eles. Inevitavelmente, o registo mudou radicalmente. Por outro lado, alguns campos lexicais recorrentes no fado, como o do mar, não concernem o modo de vida dos ciganos, que está ligado à terra, nem as suas actividades profissionais. Logo, há pouco lugar para uma plausível influência lexical. Do lado do flamenco, pelo contrário, encontramos uma grande riqueza lexical cigana. As trinta e quatro palavras distintas encontradas provêm de campos lexicais bem diferentes. Nas suas *Coplas Flamencas*<sup>82</sup>, Danielle Dumas apontava a pobreza lexical do flamenco tradicional (morte, amor, dor, Deus, ciganos, pena, etc.) para compreender a recorrência dos termos calós (neste caso, das três palavras *camelar*, *undebel* e *ducas*). No seu *corpus* de oito centos e vinte cantos, só foram registados trinta vocábulos *gitanos*. Se comparamos com o nosso estudo, num *corpus* de cento e quarenta e seis cantos flamencos foram encontrados trinta e quatro vocábulos alguns deles também recorrentes (como *caló*, *calé*, *diquelar* e *currar*). Mas não podemos perder de vista que a atitude dos ODB, consciente na sua promoção e defesa do património linguístico cigano, engana as cifras obtidas. A atitude natural dos dois outros grupos será, talvez, mais reveladora de uma realidade para o nosso estudo estatístico-linguístico.

De qualquer modo, as análises permitem provar que, dos três meios de comunicação, é a música a que maior divulgação faz dos vocábulos de origem cigana.

---

<sup>82</sup> Danielle Dumas, *Chants flamencos. Coplas flamencas*, pp. 18-19.

## CONCLUSÃO

Observado o uso do caló nos diversos meios de comunicação social ibéricos, podemos começar a tirar algumas conclusões prévias, para logo definir o lugar que ocupa o calão cigano no seio da sociedade ibérica, a nossa meta inicial.

Uma primeira constatação sobressai deste estudo, e concerne à viagem de uma palavra originalmente cigana, que podemos esquematizar da seguinte forma:

Caló → Germania → Línguas dominantes

But: do Indústâní *bahut*, que significa “abundante”<sup>83</sup> → de bute: “mucho” (muito, em português)<sup>84</sup> → de buten: “excelente”<sup>85</sup>

Assim, a gíria dos delinquentes cumpriria ocasionalmente o papel de ponte entre as duas línguas. A germania costuma emprestar às outras línguas para ampliar o seu registo. O estreito vínculo existente entre a língua cigana e a germania, língua dos rufiões, encontra explicação no facto de os ciganos terem sido misturados com os estratos mais baixos da sociedade. As duas línguas, possuindo rasgos bem próprios e comuns, possuem carácter sectário e até de segredo, não tardando em se influenciar: o calão cigano tornou-se língua fonte da germania. Mas não se pode sempre fiar na etimologia indicada, já que muitos linguistas repararam em vocábulos que tinham passado do castelhano para o caló, para depois voltar a penetrar no castelhano sem a consciência da sua origem.<sup>86</sup>

Por outro lado, em Espanha o dialecto andaluz também desempenha um papel considerável na transmissão do caló na língua castelhana. Com efeito, não parece difícil imaginar quanta interacção linguística houve, sendo esta região o berço da população cigana. A viagem fonológica da palavra *chalado*, do caló *chalar*, que significa “ir” em caló e “loco” em castelhano contemporâneo, teve de passar pelo andaluz antes de ser aceite pela Academia Espanhola<sup>87</sup>:

Caló → Dialecto andaluz → Castelhana contemporâneo

Chalar: ir → chalao → chalado : loco, ido (louco, em português)

Entre os ciganos que se assentaram na Andaluzia (os chamados *Pinacendá* em caló) e o povo andaluz houve uma grande osmose linguística. Neste contexto, a música popular andaluza, e não só, desempenharam um papel preponderante, e continuam a fazê-lo. Com efeito, a lista final de termos calós incorporados ao léxico flamenco, no estudo de Miguel Roperó Núñez, testemunha a quase

<sup>83</sup> Mercedes Román Fernández, *Aportación a los estudios sobre el caló en España*, p. 143.

<sup>84</sup> F.M. Pabanó, *Historia y costumbres de los gitanos: colección de cuentos viejos y nuevos, dichos y timos graciosos, maldiciones y refranes netamente gitanos*, p. 83.

<sup>85</sup> *Diccionario de la Real Academia Española*- vigésima segunda edición, disponível em <http://buscon.rae.es/draeI/>

<sup>86</sup> Mercedes Román Fernández, *Aportación a los estudios sobre el caló en España*, p. 173.

<sup>87</sup> Miguel Roperó Núñez, *El léxico caló en el lenguaje del canto flamenco*, pp. 136-139.

omnipresença da língua cigana nas coplas populares andaluzas. Por outro lado, vimos como alguns grupos contemporâneos, como os ODB, porta-vozes do *flamenquismo* moderno, promovem essa língua em via de extinção. Também grupos de outros estilos musicais, como o grupo ska “Ska-P”, transmitem, na sua língua geringonçosa, muitas palavras de origem cigana que têm passado na linguagem coloquial. Concluindo e resumindo, dois campos lexicais permitem aos vocábulos calós penetrar a linguagem coloquial espanhola: o da delinquência (ou geringonça carcerária) e o do folclore andaluz. Em contrapartida, do lado português, temos só uma porta de entrada, a da geringonça carcerária.

Outra característica gerada pelo fenómeno de propagação linguística dos vocábulos calós é que eles residem sempre na linguagem popular, e quase nunca culta, das línguas receptoras. Assim, no DRAE, as palavras de origem caló têm sistematicamente ao lado da sua entrada dicionarística a marca de uso *jerga*, vulgar, pejorativo ou popular, como comprovamos no caso do verbo *diquelar* ou ainda do substantivo *mui* :

### **Diquelar.**

(Del caló).

tr. vulgar. comprender (entender).

### **Mui.**

(Del caló *mui*).

f. jerga. Lengua o boca. U. m. en sent. Fig.<sup>88</sup>

Do lado dos dicionários portugueses, a palavra *gajo* exemplifica o fenómeno:

### **Gajo.**

1. Coloquial: pessoa incerta cujo nome não ocorre ou não se quer mencionar; sujeito, fulano, indivíduo, tipo.

2. Pejorativo: Indivíduo velhaco, astuto, espertalhão; indivíduo finório.<sup>89</sup>

Os empréstimos nunca conseguem ultrapassar a fronteira dos registos popular, coloquial, vulgar, calão, pejorativo, etc, quer nos dicionários portugueses, quer nos castelhanos. Se comparamos com as entradas dos anglicismos, constatamos que predominam termos que se referem à tecnologia, à comunicação e ao comércio, como *software*, *call center*, *marketing*, *management*, etc. Quanto aos galicismos, palavras relacionadas à burguesia e ao seu modo de vida, como *chic*, *rendez-vous*, *haute-*

---

<sup>88</sup> *Diccionario de la Real Academia Española*- vigésima segunda edición, disponível em <http://buscon.rae.es/draeI/>

<sup>89</sup> *Dicionário Editora da Língua Portuguesa*, Porto, Porto Editora, 2010.

*couture* ou *fumoir*, invadiram a literatura ibérica durante o século XIX.<sup>90</sup> As marcas de uso dos estrangeirismos diferem fundamentalmente. São elas que condicionam a presença dos vocábulos calós nas fontes analisadas (jornais e reportagens). Com efeito, ficam estancadas nos registos populares, vulgares e coloquiais havendo nenhum caso culto ou erudito. Além disso, a abundância dos termos geringonçosos nas línguas ibéricas dificulta a integração e o papel das palavras ciganas na cena linguística.

Quanto ao estudo estatístico-linguístico, constatamos vários fenómenos. Em primeiro lugar, a pobreza dos vocábulos de origem cigana usados pelos portugueses no seu quotidiano, frente à abundância do outro lado da fronteira. Com efeito, além das palavras *calão*, *gajo* e *tasca*, poucos termos figuram na linguagem usual dos portugueses, enquanto que o castelhano popular conta com dezenas de palavras conhecidas e usadas por todos, independentemente do nível social, da situação geográfica e da idade dos interlocutores. Este fenómeno resulta, por um lado, do número reduzido de ciganos portugueses frente ao elevadíssimo número em Espanha (existe aproximadamente um cigano português para quinze espanhóis), mas certamente, há também por detrás daquele facto modas sociais espanholas. Estamos a referir-nos à famosa *flamenquización*, ao triunfo da *chulería* e da literatura *costrumbrista* na qual podemos encontrar palavras ciganas divulgadas sem medo mesmo que não dicionarizadas. Apontamos ainda as distintas políticas levadas pelos dois governos ibéricos, e a integração antecipada dos ciganos espanhóis a seguir à Lei Pragmática de Carlos III, em 1783. Em segundo lugar, destacamos o número elevadíssimo de vocábulos, em ambos países, caídos em desuso, quando não lexicalizados. No conjunto dos documentos que datam do século XIX e XX, aparecem uma quantidade impressionante de vocábulos hoje desconhecidos.

No que concerne a adaptação dos empréstimos ciganos nas línguas receptoras, podemos afirmar que geralmente estas sofreram algumas modificações semântica ou fonética. Alguns vocábulos foram castelhanizados, ou aportuguesados, como é o caso de *caló* → *calão*. Constatamos também que os verbos adoptaram a morfologia do português e do castelhano, como o exemplifica o verbo români *mangel* → *mangar*. O sufixo *-ar* substituiu a forma inicial para todos os verbos de origem cigana. No que concerne o seu valor semântico, algumas palavras não foram alteradas, como é o caso de *mengue* → diablo (diabo, em português), outras ficaram no mesmo contexto, como por exemplo o substantivo *gajo* → homem, e encontramos ainda palavras ciganas totalmente alteradas semanticamente, como é o caso de *cañi* → de raça cigana, que inicialmente significa “gallina” (galinha, em português).

Para finalizar este trabalho e responder às perguntas postas na introdução, vamos interpretar os resultados obtidos durante este trabalho com o fim de determinar a postura do calão cigano face às línguas portuguesa e castelhana.

Durante a fase analítica do nosso *corpus*, encontramos um leque de trinta e quatro vocábulos calós distintos incorporados nas letras castelhanas, repartidos nas letras dos três grupos, quatro

---

<sup>90</sup> Maria Madalena Ferreira e Texeira de Vasconcelos Leite Dias, *A Entrada de Estrangeirismos na Língua Portuguesa, Contributos para um Estudo Sociolinguístico*, Tese de Doutoramento em linguística aplicada, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2007.

vocábulos nas edições de *El País* e um nos programas *España Directo*. Do lado português, encontramos dois nas letras musicais e nenhuma nos jornais *Expresso* nem nos programas *Portugal em Directo*. Estas cifras eloquentes indicam que uma parte mínima, mas notável, do castelhano popular está formado por palavras de origem cigana. Não obstante, o impacto linguístico cigano é quase inexistente no português. Ao invés, essa influência linguística do povo rom é muito reduzida em ambas as línguas se comparada com a do antigo árabe ou do inglês contemporâneo.

A análise do *corpus* confirma que o léxico musical contemporâneo segue divulgando termos calós, e até às vezes com um claro propósito, como no caso dos ODB. Por outro lado, revela que a música actua como maior ponto de comunicação entre os dois povos, o que implica que o modo oral, a liberdade de expressão nesse género e os seus campos lexicais são critérios propensos ao uso do caló. No caso da língua portuguesa, a escassez das palavras ciganas aceites no registo lexical sobressai ao lado das aceites pelo castelhano, e essa rareza também foi notada na análise das fontes lusas escolhidas. Esse desequilíbrio linguístico pode encontrar explicação em vários fenómenos sociais e históricos. Além do facto de os ciganos espanhóis superarem de longe o número dos portugueses, como já foi dito, podemos voltar a citar também as modas sociais, literárias e artísticas, neste caso, do flamenco, que deram a conhecer aos *gitanos*, e pelo conseguinte, ao seu falar. Nesse contexto, Carlos Clavería emitiu estas interessantes palavras: “La huella perenne de ese pasado “flamenco” serían las palabras gitanas incorporadas para siempre en la lengua española.”<sup>91</sup> As línguas ibéricas oferecem ao calão cigano um lar seguro, certo. Não obstante, as palavras que não se lexicalizam desaparecem, como por exemplo o termo *cribó*, que significava *compadre* em caló.<sup>92</sup> Podemos esquematizar as (inter-)influências linguísticas da seguinte forma:

Castelhano ↔ Caló : influência com tendência mútua.
Português → Calão cigano : influência com tendência unívoca.

Constatamos que os termos ciganos penetraram as línguas ibéricas por ondas, o que evidencia o efeito de moda.<sup>93</sup> Este fenómeno prova quanto o tema pode ser interessante a nível antropológico, já que revela quanto e quando os caracteres étnicos se integraram, ou persistiram intactos na sociedade ibérica.

Quanto aos estudos dicionarísticos, podemos estabelecer vários padrões. Em primeiro lugar, apontamos as discrepâncias existentes entre os dicionários consultados. No que se refere à própria palavra *calão*, podemos encontrar diversas definições, que geralmente traduzem a postura que têm face à língua cigana. Muitos seguem confundindo a noção de *caló* com a de *jerga*, do lado espanhol, e

<sup>91</sup> Carlos Clavería, “Estudios sobre los gitanismos del español”, p. 37.

<sup>92</sup> Adolfo Coelho, *Os ciganos de Portugal: com um estudo sobre o calão*, Lisboa, Imprensa Nacional, Sociedade de Geografia de Lisboa, 1892, p. 25.

<sup>93</sup> Cf. anexo V.

do lado português nem sequer essa distinção foi uma vez feita. Essa atitude alimenta a discriminação, relacionando indirectamente a língua cigana com os meios marginais. À hora de classificar termos calós nos dicionários, encontramos muita contradição e erros lexicográficos, uma atitude que pode ser considerada como menospreziva. Foi o caso da palavra *chingar* que segundo o DRAE é cigana enquanto que no Dicionário da Porto Editora seria etimologicamente uma palavra quimbunda. Além do mais, inúmeros vocábulos integram os dicionários sem a sua origem etimológica indicada, como foi o caso da palavra *chaval*, que entrou no DRAE em 1884 e teve de esperar até 1970 para receber a menção “viene del gitano *chavale*” (vem do cigano *chavale*, em português).

Em 1978, o linguista Miguel Ropero Núñez denunciava a atitude purista e reticente dos membros da Academia Española face à realidade do fenómeno linguístico chamado *flamenquización*. Nessa época, os termos *currelar*, *menda*, *jiñar*, *endiñar*, entre outros, que segundo o autor, residiam já na língua popular espanhola, ainda não mereciam um sítio no DRAE. Paradoxalmente, constatamos que logo cada vez mais palavras em caló integraram o DRAE, mas nem sempre com a referência etimológica pertinente. Aliás, o linguista, continuando a sua denúncia, assinalava que o DRAE também não indicava a origem caló de algumas palavras como *chalar*, *sandunga* e *mengue*. Se hoje *chalar* já encontrou um sítio digno no DRAE, ou seja, uma entrada e a etimologia correta, muitas outras palavras ainda não têm esse privilégio. Podemos ilustrar com o caso do substantivo caló *camelo*, que apesar de ser puramente cigano por ter a sua origem no radical *kam*, poderia ser, se o procuramos no DRAE, de qualquer origem. A falta de precisão também é notável nos dicionários portugueses. A palavra *chunga*, que indubitavelmente provem do caló *chungo*, aparece no Dicionário da Porto Editora com a menção “origem obscura”. O DRAE e o Dicionário da Porto Editora, apesar de serem dicionários normativos, falham muitas vezes em coerência e consideração para com o caló. O tratamento que a língua recebe nos dicionários importa-nos na medida em que influi os padrões de uso.

No que se refere ao cliché do calão ligado à criminalidade e à marginalidade, o nosso estudo testemunha que esse tratamento segue em vigor nos *media* espanhóis. No *El País*, das quatro palavras encontradas, duas figuravam em artigos cujos temas tratavam do engano e do roubo. Logo, uma terceira palavra, a palavra “bulerías”, permite demonstrar o papel do folclore andaluz na divulgação do caló. Infelizmente, não temos nenhuma prova que possa demonstrar as marcas de uso das palavras ciganas em contexto luso. No caso das análises musicais, a variedade dos temas tratados pelas canções espanholas e portuguesas nas que encontramos palavras calós permitem desmentir a correlação com o universo do crime. Não obstante, constatámos a recorrência do contexto *callejero* (das ruas, em português) naquelas em que aparecem as ditas palavras. O calão cigano não seria ligado à criminalidade, mas à marginalidade. Além disso, os cantos alimentam o cliché do cigano-artista, porque sempre que há um cigano ou uma palavra cigana reparamos que estamos num contexto de “cante”, “baile” “rumba”, etc.

Consciente de que muito falta para responder às questões que envolvem a temática, penso ter contribuído na medida em que pus umas pedras no caminho da compreensão e da actualização da

mesma.

Uma derradeira conclusão se impõe: há a patente carência de investigação científica em ciganologia linguística e mais precisamente na área da lexicografia, sobretudo em Portugal. A atitude quase sistemática dos ciganólogos e linguistas portugueses de recorrer em estudos desenvolvidos no país vizinho para avançar no seu próprio trabalho e fornecer provas bibliográficas da etimologia de certos termos calós fez-se sentir ao longo da nossa dissertação. Essa atitude, que pode encontrar explicação no facto de os ciganos portugueses serem só um simples ramo dos *gitanos* espanhóis, segundo as palavras do ciganólogo Max Wagner<sup>94</sup>, ela permanece inaceitável. Com efeito, os ciganos portugueses formam, desde séculos, parte da paisagem social portuguesa, e a necessidade de registar os termos contemporâneos de origem cigana presentes na língua portuguesa parece imprescindível a esta altura para restituir aos ciganos o seu património linguístico, tanto como para enriquecer o da língua portuguesa, já que o passado de cada vocábulo revela uma parte da nossa história. Além do mais, muitos dos documentos encontrados, tanto em Espanha como em Portugal, datam do século passado, ou de oitocentos. Dado que uma língua evolui sem descanso, aquelas fontes bibliográficas resultam algo desusadas. Urge consagrar rigorosas investigações para completar este pedaço que falta à realidade linguística ibérica.

---

<sup>94</sup> Cf. anexo VI.

## BIBLIOGRAFIA

### Livros

-AA.VV., *Ciganos e degredos, Os casos de Espanha, Portugal e Inglaterra, Séculos XVI-XIX*, Paris/Lisboa, Centre de recherches tsiganes, Secretariado Coordenador dos Programas de Educação Multicultural, Ministério da Educação, 1999.

-AA.VV., *Os serviços sociais ao serviço da inclusão, o caso dos Ciganos*, Budapeste, ERRC, NUMENA, 2007.

-AA.VV., *Manual de lengua Romaní*, Proyecto Romaní in Europe, Málaga, s/e, 2004.

-ALCALÁ VENCESLADA, Antonio, *Vocabulario Andaluz*, Madrid, Real Academia Española, 1951.

-ALVAREZ CABALLERO, Angel, *Historia del cante flamenco*, Madrid, Alianza Editorial, 1981.

-ARREBOLA SÁNCHEZ, Alfredo, *Cantes gitano-andaluces básicos*, Cádiz, Universidad de Cádiz, 1987.

-BESSA, Alberto, *A giria portuguesa : esboço de um dicionário de calão*, Lisboa, Livraria Central Editora, 1919.

-BESSES, Luis, *Diccionario de argot español o lenguaje jergal gitano, delincuente, profesional y popular*, Barcelona, Sucesores de Manuel Soler, 1900.

-BLAS ARROYO, José Luis, *Sociolingüística del español, desarrollos y perspectivas en el estudio de la lengua española en contexto social*, Madrid, Ediciones Cátedra, 2005.

-BORROW, George Henry, *Los Zíncali: los gitanos de España*, Madrid, Ediciones La Nave, 1841.

-CARDOSO, Carlos, *Que sorte, ciganos na nossa escola!*, Paris/ Lisboa, Centre de recherches tsiganes, Secretariado Coordenador dos Programas de Educação Multicultural, 2001.

-CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de, *La gitanilla*, Madrid, Ediciones del Laberinto, 2003.

-COELHO, Adolfo, *Os ciganos de Portugal: com um estudo sobre o calão*, Lisboa, Imprensa Nacional

Sociedade de Geografia de Lisboa, 1892.

-COROMINAS, Joan, *Diccionario etimológico de la lengua castellana*, Madrid, Editorial Gredos, 1991.

-COSTA J. ALMEIDA. e A. SAMPAIO e Melo, *Dicionário da Língua Portuguesa*, Porto, Dicionários Editora, 7<sup>a</sup> ed., 1998.

-DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA Universal Milénio, Lisboa, Texto Editora, 2<sup>a</sup> ed., 2002.

-DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa/ Editorial Verbo, 2001.

-DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO DA LÍNGUA PORTUGUESA, Lisboa, Livros Horizonte, 3<sup>a</sup> ed., 1997.

-FERREIRA e TEXEIRA, Maria Madalena de Vasconcelos Leite Dias, *A Entrada de Estrangeirismos na Língua Portuguesa, Contributos para um Estudo Sociolinguístico*, Tese de Doutoramento em linguística aplicada, Lisboa, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2007.

-DÁVILA, B. & PÉREZ, B., *Apuntes del dialecto “caló” o gitano puro*, Cádiz, Universidad de Cádiz, 1991.

-DICIONÁRIO EDITORA DA LÍNGUA PORTUGUESA, Porto, Porto Editora, 2010.

-DUMAS, Danielle, *Chants flamencos. Coplas flamencas*, Paris, Aubier-Montaigne, 1973.

-FIGUEIRAS, Isalda, *Ciganos: subsídios para uma bibliografia temática*, Coimbra, Museu e Laboratório Antropológico da Universidade de Coimbra, 1979.

-FRASER, Angus, *História do povo cigano*, Lisboa, Edições Teorema, 1998.

-GARCÍA LORCA, Federico, *El romancero gitano*, Madrid, Ediciones Cátedra, 1989.

-NAVARRO GARCÍA, José Luis, *Historia del flamenco*, Sevilla, Ediciones Tartessos, 1995.

-NEVES, Orlando, *Dicionário do palavrão e outras inconveniências*, Lisboa, Notícias, 2001.

- NOBRE, Eduardo, *Dicionário do Calão*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1986.
- NUNES, Olímpio, *O povo Cigano*, Águeda, Obra Nacional da Pastoral dos Ciganos, 1996.
- PABANÓ, F.M., *Historia y costumbres de los gitanos: colección de cuentos viejos y nuevos, dichos y timos graciosos, maldiciones y refranes netamente gitanos*, Sevilla, Ediciones Extramuros, 2007.
- PINTO, F.; CORTESÃO, L., *O Povo Cigano: Cidadãos na Sombra, processos explícitos e ocultos de exclusão*, Porto, Edições Afrontamento, 1995.
- PINTO, Neves B., *Dicionário do palavrão e afins*, Lisboa, Bicho da Noite, 1993.
- PRAÇA, Afonso, *Novo Dicionário do Calão*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2001.
- REBOLLEDO, Tineo, “A chipicalli” = *La lengua gitana: conceptos sobre ella en el mundo profano y en el erudito, diccionario gitano-español y español-gitano*, Granada, Imprenta de F. Gomez de la Cruz, 1900.
- ROMÁN FERNÁNDEZ, Mercedes, *Aportación a los estudios sobre el caló en España*, Valencia, Universitat de València, Departamento de Filología Española, 1995.
- ROPERO NÚÑEZ, Miguel, *El léxico caló en el lenguaje del canto flamenco*, Sevilla, Universidad de Sevilla, Secretariado de Publicaciones, 1991.
- SIMÕES, Guilherme, *Dicionário de expressões populares portuguesas*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2<sup>a</sup> ed., 2000.
- VICENTE, Gil, *Antologia do teatro de Gil Vicente*, introdução e estudo crítico pela professora Cleonice Berardinelli, Rio de Janeiro, Grifo, 1971.

## Publicações periódicas

-AA.VV., *I Tchatchipen*, Revista Trimestral de publicación gitana, nº 31,33, 35 e 37, Instituto Romanó de servicios sociales y culturales, 2000-2001-2002.

-BUZEK, Ivo, “El vocabulario gitano en el siglo XX”, in *Moenia: Revista Lucense de lingüística y literatura*, Publicación Universidad de Santiago de Compostela, nº 11, 2005, pp. 379-387.

-\_\_\_\_\_, “La imagen del gitano en el DRAE”, in *Revista de Lexicografía*, nº 12, 2005-2006, pp.47-63.

-\_\_\_\_\_, “Los términos de las partes del cuerpo humano de procedencia gitana en el español actual”, in *Hesperia: Anuario de filología hispánica*, nº8, 2005, pp. 59-72.

-\_\_\_\_\_, “Los términos del ramo familiar y nombres del gitano y de su idioma de origen caló en La lexicografía española actual” in *Sintagma, Revista de Lingüística*, vol.17, 2005, pp. 35-50.

-CLAVERÍA, Carlos, “Nuevas notas sobre los gitanismos del español”, in *Boletín de la Real Academia Española*, Madrid, 1953, Enero-Abril ,Tomo XXIII, cuaderno CXXXVIII, pp. 73-93.

-\_\_\_\_\_, “Estudios sobre los gitanismos del español”, in *Revista de Filología Española*, Madrid, 1951, LIII, pp. 7-52.

-*El País*, 23/05/2010, Madrid, 2010.

-*El País*, 13/06/2010, Madrid, 2010.

-*Expresso*, 22/05/2010, Lisboa, 2010.

-*Expresso*, 12/06/2010, Lisboa, 2010.

-WAGNER, Max L., “O elemento cigano no calão e na linguagem popular portuguesa” in *Boletín de Filología*, Lisboa, vol. X, 1949, pp. 296-319.

-\_\_\_\_\_, “Sobre algunas palabras gitano-españolas y otras jergales” in *Revista de Filología Española*, 1941, Abril-Junio, Tomo XXV, Cuaderno II, pp. 161-181.

## **Webgrafia**

- A Caravana, disponível em <http://www.portal.ecclesia.pt>
- Camarón de la Isla website, disponível em <http://www.camarondelaisla.org>
- Canteca de Macao Website, disponível em <http://www.cantecademacao.org>
- CIGA-nos! disponível em <http://www.ciga-nos.pt>
- Diccionario de la Real Academia Española- vigésima segunda edición, disponível em <http://buscon.rae.es/draeI/>
- El Puchero del Hortelano, disponível em <http://www.elpucherodelhortelano.com>
- Ethnologue, Languages of the World, disponível em <http://www.ethnologue.com>
- European Roma Rights Center, disponível em <http://www.errc.org>
- Fundación Secretariado Gitano, disponível em <http://www.gitanos.org/>
- Infopédia, enciclopédia e dicionários, Porto Editora, disponível em <http://www.infopedia.pt/vocabulario/paiol>
- Kalé dor Kayiko, Asociación socio-cultural gitana, disponível em <http://www.kaledorkayiko.org/>
- Numera, disponível em <http://www.numera.com>
- Ojos de Brujo Website, disponível em [www.ojosdebrujo.com](http://www.ojosdebrujo.com)
- Plan Nacional de Acción para la Inclusión social del Reino de España 2008-2010, disponível em [http://www.msc.es/politicaSocial/inclusionSocial/docs/2009\\_0\\_plan\\_nac\\_accion\\_inclusion\\_social\\_2008\\_2010.pdf](http://www.msc.es/politicaSocial/inclusionSocial/docs/2009_0_plan_nac_accion_inclusion_social_2008_2010.pdf)
- Portal de la Unión Romani, disponível em [http://unionromani.org/index\\_es.htm](http://unionromani.org/index_es.htm)

-MACHADO, Paulo, *A etnia cigana em Portugal*, disponível em <http://www.janusonline.pt>

-MONTERO, Pablo, “El Dios Camarón”, *El Mundo*, Madrid, disponível em <http://www.elmundo.es/>

### **Cinematografia**

-KUSTURICA, Emir (Dir.), Mirza Pasic e Harry Saltzman (Prod), 1988, *Time of the Gypsies* [DVD], Culver City, USA: Sony Pictures.

-\_\_\_\_\_, (Dir.), Karl Baumgartner e Maksa Catovic (Prod.), 1998, *Black cat, white cat* [DVD], Universal City, USA: Focus Features.

-“SIC: Grande reportagem: Primeira casa”, SIC, Portugal, Lisboa, 15/06/2009, disponível em <http://www.sicsapo.pt/online/noticias/programas/reportagem+sic/Artigos/Primeira+casa.htm>

-“Portugal em Directo”, RTP, Portugal, Lisboa, 02/06/2010, disponível em <http://www.rtp.pt>

-“Portugal em Directo”, RTP, Portugal, Lisboa, 14/06/2010, disponível em <http://www.rtp.pt>

-“Espana Directo”, TVE, España, Madrid, 02/06/2010, disponível em <http://www.edirecto.tve.es/programas/espanadirecto>

-“Espana Directo”, TVE, España, Madrid, 14/06/2010, disponível em <http://www.edirecto.tve.es/programas/espanadirecto>

### **Discografia**

-Canteca de Macao, *Cachai?*, Hispana Records, 2005.

-Canteca de Macao, *Camino de la Vida Entera*, Warner/DRO, 2007.

-Canteca de Macao, *Agua pa' la tierra*, Warner, 2009.

-Deolinda, *Canção ao lado*, Lisboa, Sons em Trânsito, 2008.

-Deolinda, *Dois selos e um carimbo*, Emi Music Portugal, 2010.

-Dulce Pontes, *Focus*, Universal Music, 2003.

-Dulce Pontes e Ennio Morricone, *O coração tem três portas*, Resistência, 2007.

- Dulce Pontes, *Momentos*, Galileo Music, 2009.
- El Puchero del Hortelano, *Aficiones*, Producciones Peligrosas, 2000.
- El Puchero del Hortelano, *Once Temas de Conversación*, Producciones Peligrosas, 2002.
- El Puchero del Hortelano, *Candela*, Fourni Produccions Sonores/ K industria, 2005.
- El Puchero del Hortelano, *Hamuraki*, Aficiones Records, 2007.
- El Puchero del Hortelano, *Directo*, Aficiones Records, 2009.
- MadreDeus, *Movimento*, Emi Portugal, 2001.
- MadreDeus, *Um Amor Infinito*, Emi Portugal, 2004.
- MadreDeus, *Falvas do Tejo*, Emi Portugal, 2005.
- MadreDeus e a Banda Cósmica, *Metafonia*, Farol, 2008.
- Ojos de Brujo, *Vengue*, Edel Records, 2000.
- Ojos de Brujo, *Barí*, La Fabrica de Colores, 2002.
- Ojos de Brujo, *Techarí*, Diquela Records, 2006.
- Ojos de Brujo, *Aocana*, Warner Music Spain, 2009.

## **Anexo I: Poemas de Federico García Lorca**

Os poemas aqui seleccionados servem para ilustrar o *gitanismo* e o *flamenquismo* em García Lorca.

### Lamentación de la muerte

Sobre el cielo negro,  
culebrinas amarillas.  
Vine a este mundo con ojos  
y me voy sin ellos.  
¡Señor del mayor dolor!  
Y luego,  
un velón y una manta  
en el suelo.  
Quise llegar adonde  
llegaron los buenos,  
¡Y he llegado, Dios mío!...  
Pero luego,  
un velón y una manta  
en el suelo.  
Limoncito amarillo  
limonero.  
Echad los limoncitos  
al viento.  
¡Ya lo sabéis!... Porque luego,  
luego,  
un velón y una manta  
en el suelo.  
Sobre el cielo negro,  
culebrinas amarillas.

*(El Romancero gitano, 1989)*

### Poema de la siguiiriya gitana

#### Paisaje

El campo  
de olivos  
se abre y se cierra  
como un abanico.

Sobre el olivar  
hay un cielo hundido  
y una lluvia oscura  
de luceros fríos.  
Tiembla junco y penumbra  
a la orilla del río.  
Se riza el aire gris.  
Los olivos  
están cargados  
de gritos.  
Una bandada  
de pájaros cautivos,  
que mueven sus larguísimas  
colas en lo sombrío.

*(El Romancero gitano, 1989)*

## **Anexo II: Letras do *corpus* castelhano**

As palavras que aparecen en negrito são de orixe cigana.

Grupo: Ojos de Brujo

Disco: **Vengue**<sup>95</sup>

Canción: Tahita

Amo ayá olei arakasei eso es! Que sí que sí que sí arakasei  
mira! mira! **Vengue! Vengue!**Y el humo me envuelve  
y expande mi mente estando con gente  
voy volando en mi inconsciente simplemente divagando  
recordando fantasías creando, liando ambiente! eso es!

Grupo: Ojos de Brujo

Disco: **Vengue**

Canción: Na en la nevera

Moneillas! calderilla! Poco mas me so  
Después de lo menos cinco horitas cantando en la calle pa'na de **parné**<sup>96</sup>  
lia caerHay pa comer, pa comer!  
Que ya ves tu sí no es pa comer...

Grupo: Ojos de Brujo

Disco: **Bari**<sup>97</sup>

Canción: **Calé**<sup>98</sup> **Bari**

→ Cancão dedicada a “todos los gitanos y gitanas que derrochan arte en la música y en la vida”.

Tiene mucho arte a palo seco  
Con tal palito se marcaba el compás en la silla  
Arrancándose por: tonás, martinetes<sup>99</sup>, debblas<sup>100</sup>, livianas, soleás  
¡vaya caña con la caña!  
Cante gitano, cante bien, cante bonito

---

<sup>95</sup> Vengue: duende (força ou alma de uma melodia, em português).

<sup>96</sup> Parné: dinero (dinheiro, em português).

<sup>97</sup> Bari: joya/ excelente (jóia/ excelente, em português).

<sup>98</sup> Calé: gitano (cigano, em português).

<sup>99</sup> DRAE: “Cante de los gitanos andaluces” (canto dos ciganos andaluces, em português).

<sup>100</sup> DRAE: “Cante popular andaluz, en desuso, de carácter melancólico y con copla de cuatro versos” (canto popular andaluz, em desuso, de carácter melancólico e com copla de quatro versos, em português).

Se mezclan los motivos en el colmao de los vecinos  
**¡diquela!**<sup>101</sup> ¡diquela!  
¡duquela! ¡duquela!  
**Currelando**<sup>102</sup>, trabajando,  
**Camelando**<sup>103</sup> ando amando enamorando braseando voy  
¡anda con el braseo!  
Camelando ando amando enamorando braseando voy  
¡anda con el braseo! ¡míralo!  
De chispitas al cielo tu cuerpecito  
Vaya graffiti te has marco primo (x2)  
Aquí la menda con toa mi labia  
Echando cábalas a mi manera  
Vete malaje! Venga la juerga!  
Hermético punto de arranque planea  
Échale jaleos a tó el que se lo merezca  
Tocata y fuga de misterios y de penas  
Suenan palmitas...!!! la rumba arrasa!!!  
En el parque de mi barrio se está mejor que en mi casa ¡asá!  
Lo que rebulle en el alma  
Por tanguitos va sonando  
Siguiendo la melodía y el compás  
Se va por tangos, se va por tangos...  
**Camelo, caló, calé, barí**  
**Camelo, caló, calé, barí**  
**Caló, calé, barí, camelo**  
**Caló, calé, barí**  
Ay! **Caló, calé, barí**

Grupo: Ojos de Brujo

Disco: **Techarí**<sup>104</sup>

Canción: Sultanas de Merkañillo

Pasa, pasa

Riqueza de verdad no tiene precio ni se compra, ni se vende

---

<sup>101</sup> Diquelar: comprender (compreender, em português).

<sup>102</sup> Currelar: trabajar (trabalhar, em português).

<sup>103</sup> Camelar: amar.

<sup>104</sup> Tcharí: libertad (libertade, em português).

Rumba y entra calor  
Libre, "Techarí" ke no manda ni obedece "jala",  
Pasa, pasa, "jala, jala" "jala, jala, jala"  
Rumba y entra calor, fuego y abrasa, pasa!

Grupo: Ojos de Brujo

Disco: Techarí

Canción: Color

**Diquelan** paredes, derrape en las sombras  
melenas funkis recuerdan color.  
Bailan los jambos y las jamborrilas  
testigos de escapada, fumeteos al sol.  
Historia escrita de rumba a caballo  
rebeldía a dos velas, noches de aerosol  
Costo p'arriba!!! Papela p'abajo!!!  
perreo y pandilleo contra depresión.  
Hay vecinos ke murmuran por toas las ventanas  
no soportan tos los dias escuchando "reguetón"

Grupo: Ojos de Brujo

Disco: Techarí

Canción: Runali

**Alalá<sup>105</sup> osuncho<sup>106</sup> lalá**  
**Belen<sup>107</sup> belen jeli<sup>108</sup> jelí**  
**Panalí panal<sup>109</sup> caré<sup>110</sup> carí<sup>111</sup> majaré jari<sup>112</sup>**  
**Alalá osuncho lalá**  
**Belen belen jelíjelí**  
Destapa el bote de los sueños  
**Caré carí majaré jari.**

---

<sup>105</sup> (A)lalá: alegría.

<sup>106</sup> Osuncho: alegría, placer (prazer, em português).

<sup>107</sup> Belen: amor.

<sup>108</sup> Jelí: afecto, cariño (carinho, em português).

<sup>109</sup> Panal(í): amigo.

<sup>110</sup> Caré: calé com o sotaque andaluz: cigano.

<sup>111</sup> Carí: calí com o sotaque andaluz: cigana.

<sup>112</sup> Majaré/majarí: justo/ santo.

Viene, viene rumbeando  
Gitana vengo, vengo cantando  
Viene, viene rumbeando  
Mi sueño va, va ¡¡¡rumbeando va!!!

Grupo: Ojos de Brujo

Disco: **Techari**

Canción: El confort no reconforta

Ruidosa calle esa es mi jerga  
Mil lenguas se hablan, mil bocas escupen fuego  
Mil loros ke pinchan bandas sonoras por la ventana  
No hay **calés**<sup>113</sup>, no hay dirhams, no hay parque,  
No hay pesos, no hay pasta, no hay nada.

Grupo: Ojos de Brujo

Disco: **Aocana**<sup>114</sup>

Canción: Busca lo bueno

Aire fresco pa tu **garlochín**<sup>115</sup>  
Aire fresco pa tu **garlochín**

Grupo: Ojos de Brujo

Disco: **Aocana**

Canción: Tantas Flores

**Sinelo**<sup>116</sup> **paya**<sup>117</sup> **silné**<sup>118</sup>, **sistiyí**<sup>119</sup>, **siscababá**<sup>120</sup>  
**an**<sup>121</sup> **mistó**<sup>122</sup> **baró**<sup>123</sup> **chibé**<sup>124</sup>, **bué**<sup>125</sup> **listrabá**<sup>126</sup>.

---

<sup>113</sup> Calés: monedas (moedas, em português).

<sup>114</sup> Aocana: ahora (agora, em português).

<sup>115</sup> Garlochín: corazón (coração, em português).

<sup>116</sup> Sinelar: ser/estar.

<sup>117</sup> Paya: no-gitana (não cigana, em português).

<sup>118</sup> Silné: fuerte (forte, em português).

<sup>119</sup> Sistiyyi: orgulloso/ fuerte (orgulhoso, forte, em português).

<sup>120</sup> Sicabar: salir (sair, em português).

<sup>121</sup> An: desde.

<sup>122</sup> Mistó: bien, bueno (bem, bom, em português).

<sup>123</sup> Baró: grande.

<sup>124</sup> Chibé: día.

<sup>125</sup> Bué: perfume, aroma.

Ororando perlas **greñis**<sup>127</sup>, **chiró**<sup>128</sup> **quelararó**<sup>129</sup>.

**Zincalé, zincaló, zincali**<sup>130</sup>

majarañi<sup>131</sup> **barí mistó**.

Asa ke toma ke ole y anda....

ke ole, ke ole, ke ole y anda...

asa ke toma ke ole y anda, ke olé.....

Tantas flores, tantos dolores, tantas flores

Tantas flores, tantos dolores, tantas flores.

Vereas en los caminos ha habío y habrán

Lo mismo ke cantaores cantando por soleá.

Grupo: Canteca de Macao

Disco: Cachai?

Canción: El **gachó** con las pintas más cantosas de mi barrio

El **gachó**<sup>132</sup> con las pintas más cantosas de mi barrio

Se ha compraó dos mecheros y lo llaman incendiarios

Por querer comprar la empresa en la que **curraba**<sup>133</sup> su mare

Puesto que el jefe le dijo que la echaban a la calle

Y va

Prendiendo las farolas

Le parecen antorchas

De mirada rebelá

Y vá

Cantando solo

Andando de polo a polo

Y tirando besos

A la madrugá

---

<sup>126</sup> Listraba: libre (livre, em português).

<sup>127</sup> Greñis: burra.

<sup>128</sup> Chiró: época, tiempo (época, tempo, em português).

<sup>129</sup> Querelar: hacer (fazer, em português).

<sup>130</sup> Zincal(é)(ó)(í): gitano (cigano, em português).

<sup>131</sup> Majarañí: la Virgen, los Santos en lengua Indostaní (a Virgem, os Santos em indústâni).

<sup>132</sup> Gachó: hombre (homem, em português).

<sup>133</sup> Currar: trabajar (trabalhar, em português).

Y caminando tó la noche despacito y con soltura  
Mira el gachó pa la calle donde encuentra la fortuna  
Y es que ha visto en una esquina una gran floristería  
Y quiere robar las rosas para dársela a las niñas

Y va

Cantando sus canciones

Con el pelo de caracoles

La camisa desabrochá

Y va

Repartiendo alegría y con cada pataíta

Que el gachó se marca al dar las flore

Por **bulería**<sup>134</sup>

Grupo: Canteca de Macao

Disco: Camino de la Vida Entera

Canción: El tanguillo de José Ignacio

Me voy pal **curro**<sup>135</sup> y no tengo un duro

¿pa ke trabajo si voy en búho?

Y si pudiera cambiar el mundo

daría chinchetas en vez de duros

Grupo: Canteca de Macao

Disco: Agua pa la Tierra

Canción: El atonte del vino

Que mira que no echemos la culpa vino si te quiero es porque he querido.

Te miro por mi ventana y tengo en mi memoria todos tus andares.

De esta noche ya no pasa quiero comerme el cielo de tus lunares.

Mira que si fueran de oro mis buenos deseos no **curraba** en la vida,

pero no tengo palacios si la vergüenza la tengo escondida.

Grupo: El Puchero del Hortelano

Disco: Candela

Canción: Quiero saber

---

<sup>134</sup> Bulería: tipo de flamenco.

<sup>135</sup> Curro: trabajo (trabalho, em português).

Porque ahora recuerdo aquella canción que de pequeño yo escuchaba  
en la que me decían los **calis** que su paloma se le escapaba  
porque siendo tú tan linda tan morena tan hermosa  
de repente me recuerdas a una mantis religiosa tuuu vas a acabar conmigo  
conmigo.

Grupo: El Puchero del Hortelano

Disco: Candela

Canción: El Puchero de caramelos

Esta olla va a reventar  
echale vino y al compas  
que lleva el fuego  
y llama a los bomberos  
mama que vamos a hacer sin  
comida y sin **parne**  
llama a los bomberos  
pa que apagen el fuego

### **Anexo III: Letras do *corpus* português**

Artista: Dulce Pontes

Disco: O coração tem três portas

Canção: Cigano

Ensina-me a tua fé

Ensina-me tudo isto

Que a tua raça **calé**

Também possui fé em Cristo

Oh meu cigano adorado

Em troca ensino-te o fado

Artista: Dulce Pontes

Disco: O coração tem três portas

Canção: Velha tendinha

Velha taberna,

Dessa Lisboa moderna

És a **tasca**<sup>136</sup> humilde e terna

Que mantens a tradição

---

<sup>136</sup> Tasca: taberna.

## **Anexo IV: Algumas palavras de Juan de Dios Ramirez Heredia sobre o estatuto do kaló**

### A PROPOSITO DE NUESTRO IDIOMA<sup>137</sup>

Por Juan de Dios Ramirez Heredia

#### “Que es el Kalo?”

El Kaló no es ningún idioma. El Kaló no es ni siquiera un dialecto del romano. El Kaló no tiene gramática propia ni reglas de ningún tipo que le permita ser considerado una rama autónoma del romano. Lamentablemente el Kaló no es mas que un conjunto de palabras de origen romano que los gitanos españoles han conservado, de generación en generación, aunque, eso si, son fundamentalmente las mismas que hoy en día usan todos los gitanos del mundo en su conversación diaria.

Aun así, sin saberlo, los gitanos españoles utilizamos giros gramaticales y expresiones verbales propias del romano universal, aunque sin la debida interrelación que nos permita construir una frase de acuerdo con las reglas comunes del romano. Por desgracia el Kaló podría definirse de la siguiente forma: "Habla de los gitanos españoles que usan algunas palabras del romano y aplican en su integridad la gramática castellana".

#### “Que es el Romanó-Kaló?”

El Romanó-Kaló pretende ser el idioma normalizado de los gitanos españoles, que respetando las singularidades del Kaló conservados hasta hoy, adopta las reglas gramaticales fundamentales del romano universal.

---

<sup>137</sup> Portal de la Unión Romani, disponível em <http://www.unionromani.org/>

## Anexo V: Camarón de la Isla

José Monge Cruz, um gaditano de origem *calé* que nasceu e morreu na segunda metade do século XX, era um das personagens mais emblemáticas do flamenco. Na alba da sua curta vida empreendeu o caminho artístico, e com apenas 16 anos já ganhou o prémio do Festival do Cante Jondo. Na hora da sua morte, o jornalista espanhol Pablo Montero escreverá as seguintes palavras:

MULTITUDINARIO ADIÓS. El entierro de Camarón de la Isla fue una impresionante muestra de dolor colectivo. Gitanos y aficionados al flamenco procedentes de toda España se dieron cita en las calles de San Fernando para dar su último adiós al mito. En la imagen, Paco de Lucía acompaña el féretro del cantaor, cubierto por una bandera tricolor con una rueda de carro pintada.<sup>138</sup>

Na altura da selecção do *corpus* musical deste trabalho, o critério da contemporaneidade eliminou o grande cantaor de qualquer objecto de investigação. Não obstante, ouvindo o álbum “Soy Caminante”, tivemos a surpresa de ver uma palavra cigana nunca encontrada no *corpus* flamenco contemporâneo, o que bem merece alguns comentários. Além do mais, como espelho da alma andaluza cigana, Camarón de la Isla merece essa menção no nosso *corpus*.

Artista: Camarón de la Isla

Disco: Soy caminante

Canción: El Caminante

Si te vas a confesar  
no digas nunca las **ducas**<sup>139</sup>  
que me haces de pasar

A palavra *duca(s)* corresponde ao sânscrito *duhkha*, de idêntico significado.<sup>140</sup> Segundo Max Wagner, figurava nos dicionários da sua época como expressão popular: “pasar ducas” significava “pasar penas” (penar, em português). Essa palavra característica de Andaluzia, outrora famosa, acabava de entrar no DRAE (edição de 1970) na altura da canção “El Caminante” de 1974. Ademais, apesar de termos um *corpus* de flamenco contemporâneo que contém trinta e quatro palavras caló, esta não figura. Este fenómeno demonstra quanto o efeito de modo influi na divulgação do caló.

---

<sup>138</sup> Pablo Montero, “El Dios Camarón”, *El Mundo*, Madrid, disponível em <http://www.elmundo.es>

<sup>139</sup> Ducas: penas.

<sup>140</sup> Max L. Wagner, “Sobre algunas palabras gitano-españolas y otras jergales” in *Revista de Filología Española*, 1941, Abril-Junio, Tomo XXV, Cuaderno II, pp. 161-162.

## **Anexo VI:**

“Os ciganos de Portugal devem ser considerados como um simples ramo dos *gitanos* de Espanha. O seu falar é, pois, na essência, o mesmo que o dos seus irmãos espanhóis, apenas se distinguindo por as formas gramaticais da sua língua originária indiana serem ainda mais reduzidas do que as do gitano espanhol, e por as palavras de origem espanhola estarem submetidas à influência do português. Para quem duvidar ainda que a língua cigana de Portugal não é senão um ramo lateral do tronco espanhol, cumpre pôr em relevo que o vocabulário dos ciganos de Portugal contém vários termos característicos da velha germania espanhola, como (...), *guillar* “ir” que no sentido de fugir se usa também no gitano espanhol e na língua popular espanhola, mas que provém, sem dúvida, daquele *guiñarse* “*irse o huirse*”, registado por Hidalgo nos seus “Romances de germania”(Barcelona 1609), todas palavras usadas pelos ciganos de Portugal, que não pertencem ao calão português.”

(Max L. Wagner, “O elemento cigano no calão e na linguagem popular portuguesa”, pp. 296-319.)